



SCIENTOLOGY:
UMA ANÁLISE E
COMPARAÇÃO
dos seus
SISTEMAS RELIGIOSOS
E DOCTRINAS

BRYAN R. WILSON, PH.D.
MEMBRO EMÉRITO

UNIVERSIDADE DE OXFORD
INGLATERRA

FEVEREIRO DE 1995



SCIENTOLOGY:
UMA ANÁLISE E
COMPARAÇÃO
dos seus
SISTEMAS RELIGIOSOS
E DOCTRINAS

SCIENTOLOGY: UMA ANÁLISE E COMPARAÇÃO DOS SEUS
SISTEMAS RELIGIOSOS E DOCTRINAS

ÍNDICE

I.	A diversidade de religiões e os Problemas de Definição	1
II.	Os Indícios de Religião	6
III.	Sistemas de Crenças Não-Teístas	10
IV.	Linguagem Religiosa e a Evolução da Teologia Cristã	13
V.	As Funções Sociais e Morais da Religião	17
VI.	Esboço Breve de Scientology	22
VII.	Uma Análise Sociológica da Evolução da Igreja de Scientology	33
VIII.	Conceitos de Adoração e Salvação	40
IX.	A Avaliação de Scientology por Acadêmicos	48
X.	Scientology e Outras Fés	52
XI.	Indícios de Religião Aplicados a Scientology	55

SCIENTOLOGY: UMA ANÁLISE E COMPARAÇÃO *dos seus* SISTEMAS RELIGIOSOS E DOCTRINAS

BRYAN R. WILSON, PH.D.
MEMBRO EMÉRITO
UNIVERSIDADE DE OXFORD
INGLATERRA

FEVEREIRO DE 1995

I. A DIVERSIDADE DE RELIGIÕES E OS PROBLEMAS DE DEFINIÇÃO

I.I. ELEMENTOS DA DEFINIÇÃO DE RELIGIÃO

Não existe uma definição definitiva de religião que seja geralmente aceite pelos eruditos. Entre as muitas definições que têm sido apresentadas há, no entanto, um número de elementos que são frequentemente invocados. Estes elementos aparecem em várias combinações. Eles incluem:

(a) Crenças, práticas, relações e instituições relativas a:

- 1) forças, seres ou objetivos sobrenaturais,
- 2) poder ou poderes invisíveis mais altos,
- 3) preocupação última do homem,
- 4) coisas sagradas (coisas separadas e proibidas),
- 5) um objeto de devoção espiritual,
- 6) uma entidade que controla o destino do homem,
- 7) a essência de ser,
- 8) uma fonte de conhecimento e sabedoria transcendente,



(b) Práticas que representam obediência, reverência ou adoração,

(c) O carácter coletivo ou de grupo da vida religiosa.

Embora nas definições de religião raramente estejam incluídas causas, por vezes é mencionado um «encontro experiencial com o espiritual». As consequências e funções da religião são indicadas como:

(a) a manutenção de uma comunidade moral,

(b) a atribuição de identidade de grupo e/ou individual,

(c) um quadro de orientação,

(d) um universo de significado humanamente construído,

(e) confiança e conforto a respeito de perspectivas de ajuda e salvação.

A religião é sempre normativa, mas uma vez que cada religião é diferente das outras, os especialistas modernos em sociologia da religião e religião comparativa procuram discutir o normativo sem que eles próprios se comprometam com ele. Tal é a diversidade de padrões de crença, ritual e organização, no entanto, qualquer definição de religião se esforça por tentar incluir todas as manifestações de religião que são conhecidas.

I.II. O USO ORIGINAL DO CONCEITO

O conceito «religião» antigamente era muitas vezes identificado com manifestações concretas reais de crenças e práticas na sociedade ocidental. Com exceção de cristãos, judeus e muçulmanos, considerava-se em geral que os outros povos não tinham nenhuma religião na verdadeira aceção. Eles eram «pagãos». Os teólogos que usaram o termo «religião» tendiam a referir-se ao cristianismo, e em Inglaterra a referência ao «cristianismo» muitas vezes era tomada como referência a essa fé fornecida especificamente pela Igreja de Inglaterra. Esse uso restrito foi diminuindo firmemente à medida que se tornaram mais conhecidos os sistemas de crença orientais, e à medida que o estudo de religião transcendeu as estreitas restrições prescritivas e normativas tradicionais da teologia cristã. Religião tornou-se um objeto de estudo para disciplinas académicas — em particular as ciências sociais — que abordam esse

assunto de forma objetiva e neutra e sem implicar adesão a nenhuma religião em particular, ou preferência por uma sobre a outra.

I.III. PRECONCEITOS CULTURAIS E A DEFINIÇÃO DE RELIGIÃO

No entanto, só lentamente foi alcançado o desenvolvimento de total neutralidade no estudo da religião. Alguns estudos contemporâneos em religião comparativa ainda manifestam preconceito evidente. Mesmo nas ciências sociais, explicitamente comprometidas a investigação sem juízos de valor, certos preconceitos são visíveis em trabalho feito nos anos entre guerras. Especificamente, foi muitas vezes assumido gratuitamente que tinha ocorrido um processo de evolução religiosa análogo ao da evolução biológica e que a religião das nações mais avançadas era necessariamente «superior» à de outros povos. Alguns (manifestamente Sir James Frazer) acreditavam que a religião foi um passo evolucionário no caminho de magia para ciência.

I.IV. USO CONTEMPORÂNEO

Hoje em dia cientistas sociais e cada vez mais teólogos empregam o conceito como expressão neutra, que já não implica *a priori* nenhuma suposição de uma religião ser mais verdadeira que outra. Não é assumido atualmente que a crença numa determinada divindade seja necessariamente uma forma mais elevada de religião do que a crença em várias divindades ou em nenhuma. É reconhecido que uma religião pode postular um deus antropomórfico, uma outra forma de divindade, um ser supremo, uma pluralidade de espíritos ou antepassados, um princípio universal ou lei, ou alguma outra expressão de crença suprema. Alguns teólogos cristãos como Bultmann, Tillich, Van Buren e Robinson abandonaram representações tradicionais de divindade e preferem referir-se a «essência de ser» ou «preocupação última».

I.V. EXTENSÃO DO CONCEITO

Como os antropólogos vieram a afirmar que não havia nenhum exemplo de sociedade que carecesse de todas as formas de crenças sobrenaturais e instituições que apoiassem tais crenças, então eles concluíram que, no sentido mais amplo do termo, não havia nenhuma sociedade sem religião. O conceito de «religião» veio conotar fenômenos que tinham semelhanças de família em vez de identidade partilhada, e religião deixou de ser definida em termos específicos a uma tradição em particular. Os itens concretos que pertenciam ao cristianismo, e que tinham sido considerados essenciais à definição de religião, estavam agora a ser vistos meramente como exemplos do que uma definição poderia incluir. A especificação de tais elementos concretos foi

suplantada por formulações mais abstratas que abrangiam uma variedade de tipos de crenças, práticas e instituições que, embora longe de intrinsecamente idênticos, podiam ser considerados equivalentes funcionais. Percebia-se que cada sociedade tinha crenças religiosas que, embora diversas, transcendiam a realidade empírica conhecida e tinham práticas concebidas para pôr os homens em contacto ou numa relação harmoniosa com o sobrenatural. Na maioria das sociedades, havia pessoas que asseguravam funções especiais associadas com respeito a este objetivo. Juntos, estes elementos vieram a ser reconhecidos como constituindo religião.

I. VI. DIVERSIDADE RELIGIOSA EM SOCIEDADES SIMPLES

Em sociedades tribais relativamente pequenas, muitas vezes há ritos e mitos de complexidade considerável que normalmente não constituem um sistema constante, internamente integrado e coerente. A religião experimenta mudanças e a agregação ocorre tanto em mito e ritual à medida que uma sociedade experiencia contacto com vizinhos ou povos invasores. Diferentes ritos e crenças podem estar ligados a situações diferentes (e.g., causar chuva, assegurar fertilidade em colheitas, animais e mulheres, fornecer proteção, cimentar alianças, iniciar grupos de indivíduos da mesma idade, etc.). Todas essas atividades são dirigidas a entidades sobrenaturais (não importa a definição) e os eruditos reconhecem-nas como religiosas.

I. VII. DIVERSIDADE RELIGIOSA EM SOCIEDADES AVANÇADAS

Os códigos de crença e prática religiosa em sociedades tecnicamente mais avançadas geralmente são expressos mais elaboradamente e apresentam mais coerência interna e estabilidade, mas mesmo em sistemas avançados persistem elementos de diversidade. Nenhum sistema ou esquema de ensino teológico de crenças relativo ao sobrenatural, em qualquer uma das grandes religiões do mundo, é inteiramente coeso. Há sempre resíduos não explicados. Também há restos de orientações religiosas anteriores, como contos, elementos religiosos populares que persistem entre a população em geral. As escrituras sagradas de todas as maiores religiões manifestam contradições internas e inconsistências. Estas e outras fontes dão origem a diferenças entre especialistas religiosos que abraçam esquemas interpretativos e princípios exegeticos diferentes e por vezes irreconciliáveis, que alimentam tradições diferentes mesmo dentro do que geralmente se reconhece ser ortodoxia.

I. VIII. DESENVOLVIMENTO DE PLURALISMO RELIGIOSO

Em sociedades avançadas, dissidência deliberada e consciente da ortodoxia deve ser considerada como um fenómeno normal. Cristãos, judeus e muçulmanos estão divididos, não só dentro

da ortodoxia, mas por grupos dissidentes que rejeitam todas as formas de ortodoxia e que seguem um padrão divergente de prática religiosa (ou que rejeitam religião completamente). A dissidência é mais manifesta em contextos em que prevalece exclusividade religiosa: isto é, em que se exige ao indivíduo que, se adere a uma religião, retire fidelidade a todas as outras — um padrão de compromisso rigorosamente exigido nas tradições judaico-cristãs-islâmicas. À medida que os governos estatais deixaram de prescrever formas específicas de religião, os grupos religiosos dissidentes têm sido tolerados e também lhes têm sido concedidos certos privilégios religiosos gerais em países europeus, e em muitos casos vieram a desfrutar da liberdade geral de religião constitucionalmente abraçada nos Estados Unidos. A situação atualmente predominante de um número grande de denominações diferentes operarem lado a lado é conhecida como «pluralismo religioso».

I.IX. ABORDAGENS NORMATIVAS E NEUTRAS À RELIGIÃO

Uma religião caracteristicamente apresenta certas histórias (mitos) e asserções a respeito do sobrenatural que se espera que levem à crença. Prescreve atuações rituais. Sustenta instituições (no sentido geral de relações reguladas, quer se trate de um nível pessoal rudimentar quer de um sistema complexo de comportamento, procedimentos e manutenção de propriedade). Às vezes também estipula regras de conduta moral, embora o rigor de tal estipulação e as sanções ligadas a moralidade variem consideravelmente. Mas a religião, pelo menos, define obrigações e promete recompensas por conformismo na forma de benefícios fornecidos sobrenaturalmente. A religião constitui um sistema normativo. Os professores de religião («teólogos» no cristianismo, sendo o termo inadequado para algumas outras religiões) necessariamente endossam e impõem estas normas. Em contraste, os cientistas sociais encaram os valores que uma religião apresenta meramente como factos, não os endossando nem negando a sua autoridade ou o seu valor. Esta abordagem assemelha-se às formulações da lei que declaram que a lei não discrimina religiões. Porque a religião é normativa e intelectualmente tem sido principalmente o domínio de teólogos, existe em todas as sociedades avançadas uma herança de linguagem culta sobre religião que leva o carimbo normativo de compromisso religioso. É considerado essencial aqui evitar a preferência de valor implícita numa tal linguagem e empregar a terminologia neutra das ciências sociais, procurando simultaneamente manter uma sensibilidade adequada àqueles que estão envolvidos em atividade religiosa.

I.X. NOMENCLATURA «EMPRESTADA»

As definições e descrições iniciais dos fundamentos de religião usaram com frequência termos emprestados de tradições religiosas daqueles que as formularam. É reconhecido atualmente que

o uso de termos peculiares a uma religião tem de distorcer a representação de outras religiões, e frequentemente poderá envolver suposições falsas. Conceitos que evoluíram dentro de uma tradição cultural e religiosa irão deturpar elementos de religião funcionalmente equivalentes mas formalmente distintivos noutra religião. Exemplos de tal uso inapropriado incluem referência a «igreja budista», «sacerdócio muçulmano» ou, em referência à Trindade, «deuses cristãos». De forma semelhante, apesar de atos de reverência, obediência, contemplação ou dedicação ocorram em todas as religiões avançadas, os comentadores nem sempre as reconheceram como adoração porque, no uso ocidental, esse termo está fortemente carregado de preconceitos e prescrições cristãos relativos a atitudes e ações apropriadas. Por exemplo, o equivalente funcional de adoração cristã em cultivar as disposições de adoradores ocorre no budismo mas a sua forma é diferente e normalmente é descrita usando outros termos. Assim, se se quer outorgar paridade às religiões, torna-se necessário adotar termos abstratos definitivos para abarcar a diversidade de fenómenos religiosos.

I.XI. A DEFICIÊNCIA INERENTE DE ABSTRATO OU ANÁLISE OBJETIVA

Este uso de linguagem abstrata, que pode ser considerada como «clínica» no sentido de não ser contaminada pelas tradições específicas de nenhuma religião, deixará necessariamente de captar todas as qualidades intrínsecas de qualquer fé específica mas é uma necessidade no caso de se querer realizar uma avaliação. Isso não irá esgotar os aspetos cognitivos nem emocionais de crença, ritual, simbolismo e instituições. A abordagem social científica torna possível comparação e explicação objetiva, mas não transmite, e não pretende transmitir, toda a substância do significado interior ou apelo emocional que uma religião tem para os seus próprios aderentes.

II. OS INDÍCIOS DE RELIGIÃO

II.I. AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE RELIGIÃO

De acordo com o que precede, podemos agora indicar, em termos abstratos e gerais, as principais características de religião. O que se segue não pretende ser uma definição universalmente aplicável tanto como pretende ser a enumeração de características e funções que frequentemente são encontradas em religião, e que são identificadas como tal. Estas são:

- (a) crença numa entidade (ou entidades) que transcende a normal percepção sensorial e que pode mesmo incluir toda uma ordem de ser postulada,

- (b) crença de que uma tal entidade não só afeta o mundo natural e a ordem social, mas opera diretamente nele e pode até tê-lo criado,
- (c) a crença de que por vezes no passado, houve uma intervenção sobrenatural explícito nos assuntos humanos que ocorreram;
- (d) considera-se que entidades sobrenaturais supervisionaram a história e destino humanos: quando estas entidades são representadas antropomorficamente geralmente acredita-se que elas têm propósitos definidos,
- (e) a crença de que o destino do homem nesta vida e na vida depois da morte (ou vidas) depende de relações estabelecidas com, ou de acordo com, estas agências transcendentais;
- (f) Muitas vezes (mas não invariavelmente) acredita-se que, embora entidades transcendentais possam ditar arbitrariamente o destino de um indivíduo, o indivíduo pode, comportando-se de formas prescritas, influenciar a sua experiência nesta vida ou em vidas futuras, ou em ambas,
- (g) existem ações prescritas para atuações individuais, coletivas ou representativas — nomeadamente, rituais,
- (h) persistem (mesmo em religiões avançadas) elementos de ação aplacadora pelos quais os indivíduos ou grupos podem suplicar assistência especial de fontes sobrenaturais,
- (i) expressões de devoção, gratidão, reverência ou obediência são oferecidas pelos crentes ou, em alguns casos, são requeridas aos crentes, geralmente na presença de representações simbólicas da entidade (entidades) sobrenatural da fé,
- (j) linguagem, objetos, lugares, edifícios ou estações que estão especialmente identificados com o sobrenatural são sacralizados e podem tornar-se objetos de reverência,
- (k) há atuações regulares de ritual ou exposição, expressões de devoção, celebração, jejum, penitência coletiva, peregrinação e encenações ou comemorações de episódios da vida terrena de divindades, profetas ou grandes professores,

- (l) ocasiões de adoração e exposição de ensinamentos produzem a experiência de um sentido de comunidade e relações de boa vontade, companheirismo e identidade comum,
- (m) regras morais são muitas vezes impostas aos crentes, embora a área de preocupação deles varie: elas podem ser formuladas em termos legalistas e ritualistas, ou podem ser apresentadas mais como conformidade com o espírito de uma ética específica mais elevada,
- (n) seriedade de propósito, compromisso sustentado e dedicação vitalícia são requisitos normativos,
- (o) de acordo com o seu desempenho, os crentes acumulam mérito ou demérito a que está ligada uma economia moral de recompensa e punição. O elo preciso entre a ação e a consequência varia desde efeitos automáticos que provém de dadas causas à crença de que o desmerecimento pessoal poderá ser cancelado através de atos e rituais devotos, por confissão e arrependimento, ou por interferência especial de agentes sobrenaturais;
- (p) geralmente existe uma classe especial de funcionários religiosos que servem de guardiões de objetos, escrituras e lugares sagrados, especialistas em doutrina, rituais e aconselhamento pastoral;
- (q) tais especialistas geralmente são pagos pelos seus serviços, quer seja por tributo, recompensa por serviços específicos ou por paga instituída,
- (r) quando os especialistas se dedicam à sistematização de doutrina, afirma-se regularmente que o conhecimento religioso fornece soluções para todos os problemas e explica o significado e propósito da vida, incluindo muitas vezes pretensas explicações da origem e operação do universo físico e da psicologia humana;
- (s) reclama-se legitimidade para conhecimento e instituições religiosas por referência a revelação e tradição: a inovação é regularmente justificada como restauração; e

- (t) as reivindicações de verdade do ensinamento e eficácia do ritual não são submetidas a teste empírico, uma vez que os objetivos são, em última análise, transcendentais e é exigida fé tanto para os objetivos como para o meio arbitrário recomendado para a sua consecução.

Os itens acima expostos não devem ser considerados como *sine qua non*, mas como probabilidades: eles constituem fenômenos frequentemente encontrados empiricamente. Isto pode ser considerado como um inventário probabilístico.

II.II. CARACTERÍSTICAS NÃO-ESSENCIAIS DE RELIGIÃO

O inventário precedente é estabelecido em termos de generalização consideravelmente abstrata, mas as verdadeiras religiões são entidades históricas, não conceitos lógicos. Elas abrangem princípios de organização, códigos de conduta e padrões de crença muito diferentes. Em muitos pontos, a generalização não é fácil, e logo que os preconceitos (muitas vezes inconscientes) da tradição cristã são postos de parte, torna-se aparente que muitos dos itens concretos que, na base do modelo cristão, se poderia supor serem o *sine qua non* da religião, não se encontram, de facto, noutros sistemas. No inventário precedente, evita-se a alusão a um ser supremo, visto que para os budistas Theravada (e muitos budistas Mahayana), jainistas e taoístas esse conceito não tem nenhuma validade. Adoração, referida acima, no budismo tem implicações muito diferentes das que tem para os adoradores no cristianismo. O inventário não faz referência a credos, que são de importância peculiar na tradição cristã, mas não têm tanta importância noutras religiões. Não menciona a alma, tão vital que esse conceito é na ortodoxia cristã, porque a doutrina da alma é um pouco dúbia no judaísmo e é explicitamente negada por alguns movimentos cristãos (por exemplo, adventistas do sétimo dia e testemunhas de Jeová — cada um dos quais tem milhões de aderentes em todo o mundo, e por cristadelfianos e aqueles puritanos, incluindo Milton, que foram conhecidos como moralistas). Não há nenhuma referência direta ao inferno em qualquer sentido da ideia desenvolvida no cristianismo, visto que este item falta no judaísmo. A morte é aludida no singular ou plural para acomodar as duas versões de ideias cristãs de transmigração da alma e da ressurreição, e as explicações um tanto diferentes de reencarnação no budismo e hinduísmo. Nenhum destes itens específicos pode ser considerado essencial para a definição de religião *tout court*.

III. SISTEMAS DE CRENÇAS NÃO-TEÍSTAS

III.I. O TEÍSMO NÃO É UMA CARACTERÍSTICA ESSENCIAL DE RELIGIÃO

É indiscutível que o teísmo (i.e., monoteísmo, politeísmo e panteísmo) não é uma característica essencial de religião. De facto, tanto os eruditos como o público leigo geralmente consideram como religiões sistemas de crenças que são claramente não-teístas. Exemplos de tais religiões são dados abaixo.

III.II. O BUDISMO — UMA RELIGIÃO NÃO-TEÍSTA

O budismo não é um sistema de crença teísta mas é geralmente reconhecido como uma religião, apesar de contrastar claramente com o cristianismo. Embora o budismo não negue a existência de deuses, a estes seres não é atribuído nenhum papel que de alguma forma se aproxime de um ser supremo ou criador. Até mesmo as seitas da terra pura do Japão (Jodoshu e Jodoshinshu), em que há é um compromisso enfático com a ideia do próprio Buda como um salvador, este conceito fica aquém de considerar o Buda como um deus criador.

III.III. AS DOCTRINAS DO BUDISMO THERAVADA

O budismo Theravada é muitas vezes considerado como sendo a tradição do budismo mais próxima dos ensinamentos originais de Gautama Buda. As suas doutrinas têm pouca semelhança com as teses estabelecidas no cristianismo ou noutras religiões monoteístas. Nenhum dos ensinamentos do budismo Theravada indica a existência de um ser supremo ou um deus criador. Em vez de ser o produto de um deus criador, o mundo perceptível é visto como não tendo substância, e o homem é considerado igualmente transitório, e não se acredita que tenha uma alma imortal. Toda a existência é caracterizada por sofrimento, e o impulso do ensinamento budista é libertar o homem desta condição. A circunstância presente do homem é uma consequência do seu karma, a lei de causa e efeito de acordo com a qual o que se fez em vidas passadas determina quase totalmente a experiência de vidas subsequentes. Uma vez que as vidas são como os elos numa cadeia causal, há uma «originação condicional» de cada renascimento. Assim, o homem não recebe o ser de um deus criador, nem há nenhum conceito de deus salvador, visto que só o esclarecimento irá permitir que o homem fique liberto do sofrimento da cadeia de renascimentos. Cada homem, sob a orientação de instrução religiosa, tem de trilhar o caminho de esclarecimento por si mesmo. O budismo não nega a existência de deuses como tal, mas estes seres não são objetos de adoração e não desempenham nenhum papel especial. (Eles são resíduos e acréscimos de outras tradições religiosas que o budismo

acomodou.) Embora os conceitos de um deus criador e um deus salvador, de alma imortal, e de punição ou glória eterna estejam todos ausentes no budismo Theravada, ainda assim, ao budismo é concedido pronta e universalmente o estatuto de uma religião mundial.

III.IV. O JAINISMO É UMA RELIGIÃO ATEÍSTA

O jainismo é uma religião reconhecida na Índia e noutros países onde é praticado e normalmente é incluído na lista de (geralmente onze) grandes religiões. Sir Charles Eliot escreveu o seguinte sobre essa religião: «o Jainismo é ateísta, e este ateísmo é como regra nem apologético nem polémico, mas é aceite como uma atitude religiosa natural.» Os jainistas, no entanto, não negam a existência de *devas*, divindades, mas estes seres são, como os seres humanos, considerados sujeitos às leis da transmigração e decadência, e não determinam o destino do homem. Os jainistas acreditam que as almas são individuais e infinitas. Não são parte de uma alma universal. As almas e a matéria não são nem criadas nem destruídas. Salvação é ser atingido pela libertação da alma dos elementos (karmas) estranhos que a fazem vergar — elementos que adquirem admissão à alma por meio dos atos de paixão do indivíduo. Tal ação causa renascimento entre animais ou substâncias inanimadas: os atos meritórios causam renascimento entre os devas. Ira, orgulho, engano e ganância são os principais obstáculos à libertação da alma, mas o homem é dono do seu próprio destino. Subjugando o «eu» e não fazendo mal a nenhum ser, e levando uma vida ascética, ele pode alcançar renascimento como um deva. As regras morais para o crente devoto são ser amável sem esperança de retorno, alegrar-se com o bem-estar dos outros, procurar aliviar o sofrimento dos outros e mostrar compaixão pelo criminoso. A automortificação aniquila karma acumulado.

III.V. A ESCOLA SANKHYA DE HINDUÍSMO — UMA RELIGIÃO NÃO-TEÍSTA

A religião hindu reconhece como ortodoxas seis escolas antigas e divergentes. Uma dessas, a Sankhya, não é nem teísta nem panteísta. Como o jainismo, Sankhya ensina que a matéria primordial e a alma individual são ambas não criadas e indestrutíveis. A alma pode ser liberada por meio de saber a verdade e por controlo das paixões. Em alguns textos, Sankhya nega a existência de uma divindade pessoal suprema e, em qualquer caso, qualquer conceito de divindade é considerado supérfluo e potencialmente contraditório, visto que a ação do karma governa os assuntos do homem até ao ponto em que ele próprio pode determinar que ele procura liberação. Quatro objetivos de Sankhya são semelhantes aos do budismo: conhecer sofrimento do qual o homem deve libertar-se, causar a cessação do sofrimento, perceber a causa do sofrimento (não diferenciar alma de matéria), e aprender o meio de

liberação, nomeadamente, distinguindo conhecimento. Como outras escolas, Sankhya ensina o princípio kármico: o renascimento é uma consequência das ações da pessoa, e salvação é escapar do ciclo de renascimentos.

III.VI. O CARÁCTER NÃO-TEÍSTICO DE SANKHYA

Sankhya adota uma forma de dualismo que não gira à volta da existência de um deus ou deuses. Isto não é o dualismo Cristão de bem e mal, mas uma mudança radical de distinção entre alma e a matéria. Ambas são itens não criados, que existem infinitamente. O mundo resulta da evolução da matéria. A alma, no entanto, é imutável. A alma sofre porque está cativa à matéria, no entanto, este cativeiro é uma ilusão. Uma vez que a alma está consciente de que ela não faz parte do mundo material, o mundo deixa de existir para essa alma em particular, e aí ela é livre. De acordo com a teoria Sankhya, a matéria sofre evolução, dissolução e quietude. Ao evoluir, a matéria produz intelecto, individualidade, os sentidos, carácter moral, vontade, e um princípio que sobrevive à morte e que sofre transmigração. Por estar ligado à alma, o organismo físico se torna um ser vivo. Só neste contexto se realiza a consciência: nem a própria matéria por si só, nem a alma por si só são conscientes. Embora a alma seja um elemento vitalizador, ela não é em si a vida que acaba em morte, nem é vida que é transmitida de uma existência para outra. Apesar de esta não agir ou sofrer, a alma reflete o sofrimento que ocorre, tal como um espelho reflete imagens. Ela não é o intelecto, mas é uma entidade infinita e desapaixonada. As almas são inúmeras e distintas umas das outras. O objetivo é a alma libertar-se de ilusão e por isso do cativeiro. Uma vez libertada, a condição da alma é equivalente ao Nirvana no Budismo. Tal libertação poderá ocorrer antes da morte, e a tarefa do liberado é ensinar outros. Depois da morte, há uma possibilidade de libertação total sem ameaça de renascimento. Sankhya não faz nenhuma objeção à crença em divindades populares, mas estas não são parte da sua ordem operativa. É o conhecimento do universo que produz a salvação. Neste sentido, é o controlo das paixões, e não a conduta moral, que é central. Boas obras podem produzir apenas uma forma inferior de felicidade. Nem é sacrifício eficaz. Nem a ética nem rituais são de grande importância para o Sankhya no esquema das coisas.

III.VII. A INADEQUAÇÃO DE UM CRITÉRIO TEÍSTA

Dos exemplos precedentes de sistemas de crença religiosa, é evidente que a crença num ser supremo ou em qualquer forma de teísmo é um critério inadequado de religião. Apesar do preconceito persistente, desfasado de alguns comentadores Cristãos, este ponto seria

imediatamente endossado por comparações feitas por estudiosos de religiões e sociólogos. O estatuto de religião não seria negado ao budismo, ao jainismo ou à escola Sankhya de hinduísmo, não obstante a ausência de qualquer conceito de um ser supremo ou deus criador.

III.VIII. O CASO DO TAOÍSMO

O taoísmo também tem sido geralmente reconhecido como uma religião, e os livros de texto de religião geralmente incluem-no, apesar da dificuldade de traduzir as suas crenças centrais numa forma coerente. Em contraste com as religiões reveladas, o taoísmo inspirou-se em adoração da natureza, misticismo, fatalismo, quietismo político, magia e adoração dos antepassados. Foi oficialmente reconhecido como religião organizada na China durante séculos, com templos, culto religioso e clero. Adquiriu conceitos de seres sobrenaturais, incluindo o Imperador Jade, Lao-Tzu, Ling Po (guia de seres sobrenaturais), juntamente com os oito imortais do folclore chinês, o deus da cidade, o deus do lar, entre outros, juntamente com inúmeros espíritos. Falta ao Taoísmo, no entanto, um Criador supremo, um deus-salvador do tipo Cristão e uma teologia e cosmologia articuladas.

IV. LINGUAGEM RELIGIOSA E A EVOLUÇÃO DA TEOLOGIA CRISTÃ

IV.I. A EVOLUÇÃO DE IDEIAS RELIGIOSAS

O caso do Taoísmo ilustra o facto de que as religiões não aparecem acabadas como sistemas de crença, prática e organização. Elas passam por processos de evolução em todos estes aspetos, vindo por vezes a abraçar elementos inteiramente divergentes de posições anteriores. Por exemplo, durante décadas alguns bispos da Igreja de Inglaterra discordaram abertamente da crença em princípios centrais da fé, tais como o nascimento virgem, a ressurreição de Jesus e a sua segunda vinda. Outro exemplo desse tipo é o conceito de Deus a mudar, como é evidente nas escrituras judaico-cristãs, da divindade tribal dos israelitas antigos para um ser universal concebido muito mais espiritualmente nos escritos de profetas posteriores e no Novo Testamento. A conciliação das representações divergentes de divindade tem dado origem a disputas entre igrejas e movimentos no cristianismo, e os pressupostos fundamentais têm vindo a mudar gradualmente através da história cristã. Mudanças fundamentais sobre o conceito do Deus cristão estão a ocorrer mesmo hoje.

IV.II. RECENTE REAVALIAÇÃO TEOLÓGICA DE DEUS

Uma importante corrente de pensamento que tem implicações profundas para o estatuto de cristianismo, e que tem alguma influência sobre os assuntos em questão, é a refutação amplamente apresentada da ideia de que pode haver um ser supremo do tipo tradicionalmente aclamado pela Igreja Cristã. Esta corrente de opinião, promovida por alguns dos mais distintos teólogos, vem, em particular, dos escritos de Dietrich Bonhoeffer e Paul Tillich. Para os propósitos presentes, os melhores exemplos podem vir da sua expressão mais popular e influente. Em 1963, o então Bispo (Anglicano) de Woolwich J.A.T. Robinson, resumiu esta corrente de pensamento teológico no seu livro best-seller, *Honest to God* (em português «Um Deus Diferente»). O bispo lançou os argumentos para o abandono da ideia de Deus como um ser pessoal que existia «lá fora» e pôs em causa toda a ideia de «teísmo cristão».

IV.III. EVIDÊNCIA DE ATEÍSMO CRISTÃO — ROBINSON

Os extratos seguintes tornam aparente o quanto o bispo e os seus associados se afastaram de suposições tradicionais a respeito do monoteísmo consideradas pelo laicado e também pela lei.

O bispo citou Bonhoeffer em apoio dos seus argumentos, como se segue:

«O Homem aprendeu a lidar com todas as questões de importância sem recurso a Deus como uma hipótese de trabalho. Em questões que concernem a ciência, arte e até mesmo a ética, compreende-se que raramente se atrevem a pender a isso. Mas durante os últimos cem anos ou algo assim isso tem-se verificado cada vez mais também em relação a questões religiosas: está a tornar-se evidente que tudo avança sem “Deus” tal como antes.» (p. 36)

De Tillich, o bispo cita o seguinte:

«...deves esquecer tudo quanto de tradicional aprendeste acerca de Deus, talvez mesmo a própria palavra.» (p. 47)

Ao que o bispo adiciona:

«Quando Tillich fala de Deus “em profundidade”, ele não está de modo nenhum a falar de outro ser. Ele está a falar de “a infinita e inexaurível profundidade e base de todo o ser...”» (p. 46)

O bispo diz ele mesmo:

«...como ele (Tillich) diz, o teísmo como é normalmente compreendido “fez Deus uma pessoa celestial, completamente perfeita que preside a todo o mundo e à humanidade”» (p. 39) «... Estou convencido de que Tillich tem razão quando diz que o protesto do ateísmo contra uma pessoa tão superior é correto.» (p. 41)

O bispo cita o escritor teológico leigo, John Wren-Lewis, anuindo:

«Não é que o Velho no Céu seja apenas um símbolo mitológico para a Mente Infinita nos bastidores, nem que este ser seja benevolente mais do que atemorizante: a verdade é que toda esta maneira de pensar está errada, e se tal Ser de facto existisse, ele seria o próprio diabo.» (pp. 42-3)

Reforçando este ponto, o bispo diz:

«Acabaremos por ser tão capazes de convencer os homens da existência de um Deus “lá fora” que eles precisam de chamar para pôr as suas vidas em ordem como de os persuadir a levar a sério os deuses do Olimpo. (p. 43)... dizer que “Deus é pessoal” é dizer que a personalidade é de suprema importância na constituição do universo, que em relações pessoais tocamos no sentido último da existência como em nenhum outro lado.» (pp. 48-9)

Ao distinguir, como os teólogos distinguem, entre realidade e existência, o bispo estava a afirmar que em última análise Deus era real, mas que ele não existia, porque existir era ser finito no espaço e no tempo, ser parte do universo.

IV.IV. EVIDÊNCIA DE ATEÍSMO CRISTÃO — VAN BUREN

No mesmo ano, 1963, Paul Van Buren, um teólogo americano, escreveu *The Secular Meaning of the Gospel (O Significado Secular do Evangelho)*, que também apresentou o conceito de Bonhoeffer de «religionless Christianity», i.e., que o cristianismo não é uma religião. Ainda com mais força do que Robinson, Van Buren exigiu que o cristianismo deixasse de ser compreendido como de alguma maneira comprometido com uma crença em Deus. Ele propôs que todas as referências teológicas a Deus fossem eliminadas. Ele defendeu que «... o teísmo literal simples é errado e o teísmo literal qualificado não tem sentido» (p. 100). Por outro lado, a pessoa pode continuar a defender a humanidade do homem, Jesus: «... a questão da sua divindade que

fique onde pertence.» Ateísmo cristão foi o nome dado à teologia proposta por Van Buren. Os Evangelhos não eram acerca de Deus, eles eram acerca de Jesus, e Jesus devia ser reconhecido como um homem. Assim, toda a pretensão de que o cristianismo era uma religião com um compromisso com um ser supremo foi abandonada pelo Professor Van Buren, assim como tais pretensões também foram abandonadas pelos teólogos contemporâneos da escola «Morte de Deus», que representava outra corrente de pensamento teológico.

IV.V. A REAVALIAÇÃO DE JESUS

A reinterpretação do Novo Testamento e da pessoa de Jesus também estava a decorrer em círculos teológicos, certamente desde o tempo de Albert Schweitzer, que, em 1906, publicou um trabalho com o título traduzido para inglês de *The Quest of the Historical Jesus (A procura do Jesus Histórico)*. Schweitzer revelou Jesus como um profeta judeu com umas ideias um pouco equivocadas e muito uma criatura do seu tempo. Um processo de «desmitologização» crítica mais radical foi levado a cabo por Rudolf Bultmann, que, no início da década de 1940, mostrou quão completamente os Evangelhos estavam sujeitos aos mitos predominantes na altura em que foram escritos. Depois demonstrou como poucos dos conceitos usados nos Evangelhos poderiam ser aceites pelo homem do século XX. O próprio Bultmann procurou preservar uma mensagem do Novo Testamento para a humanidade muito nos termos da filosofia existencialista alemã. O cristianismo tornou-se um guia para a vida moral do indivíduo, mas já não era credível como um corpo de ensinamento sobre a criação de Deus e o seu governo do mundo. O efeito crescente do trabalho de Bultmann foi levantar novas dúvidas sobre a afirmação tradicional de que Jesus era Deus em carne e osso. Estava agora lançada a dúvida sobre todo o ensinamento cristológico da Igreja. O relativismo histórico desta abordagem encontrou expressão renovada num trabalho intitulado *The Myth of God Incarnate (O Mito de Deus Encarnado)* (editado pelo Professor John Hick), publicado em 1977, no qual alguns dos mais ilustres teólogos anglicanos debateram a visão tradicional calcedoniana da relação de Deus com o homem, Jesus. Os teólogos modernos estavam a ter dificuldade em acreditar que Deus se tinha feito homem como os ensinamentos cristãos afirmaram durante os quinze séculos precedentes.

IV.VI. O CRISTIANISMO DITO NÃO SER UMA RELIGIÃO

Estas várias correntes de argumento teológico — a rejeição considerada do conceito de um Deus pessoal, o abandono do teísmo, a nova ênfase no relativismo da Bíblia e a contestação de conceitos aceites da natureza de Cristo e da sua relação com a divindade — tudo isto equivale a um grande desvio da compreensão recebida de fé cristã. O cristianismo, durante tanto tempo

o modelo implícito na Europa para o conceito de como se esperava que uma religião fosse, estava agora ele próprio a declarar que não era uma religião. Desta forma, os critérios pelos quais a religião tinha sido definida anteriormente eram agora postos em causa.

V. AS FUNÇÕES SOCIAIS E MORAIS DA RELIGIÃO

V.I. RELIGIÃO CONTEMPORÂNEA E FUNÇÕES SOCIAIS EM MUDANÇA

Deixando os elementos concretos derivados da conceção cristã tradicional mas aparentemente antiquada do que poderia constituir uma religião, podemos referir brevemente as características de religião enfatizadas nos estudos sociológicos não-normativos do assunto. Embora não ignorando a importância da preocupação real com o sobrenatural (ou super-empírico), os cientistas sociais enfatizam as funções que as religiões preenchem. Uma religião cria, reforça ou promove a solidariedade social no grupo e proporciona um sentido de identidade a esse grupo. Proporciona, nas palavras de Peter Berger, «um universo de significado construído humanamente», que se torna uma estrutura intelectual e moral à luz da qual ideias e ações podem ser julgadas. Se a religião necessariamente abandonar — perante o desenvolvimento da ciência — teorias específicas de criação e cosmologia, ela continua a explicar que propósitos são inerentes ao universo e à vida do homem.

V.II. RELIGIÃO CONTEMPORÂNEA E A ÉTICA DE RESPONSABILIDADE

À medida que a população geral do mundo ocidental se tornou mais instruída, as religiões modernas tenderam a enfatizar menos as doutrinas sobre Deus, criação, pecado, encarnação, ressurreição, etc., e a enfatizar mais coisas tais como uma ética de responsabilidade social e pessoal, a provisão de um sentido de significado final e propósito, a fonte de orientação pessoal e o caminho para a realização pessoal neste mundo.

V.III. RELIGIÃO CONTEMPORÂNEA E ENVOLVIMENTO EM PROBLEMAS SOCIAIS

A preocupação crescente com o cuidado pastoral começou em meados do século XIX na Grã-Bretanha, mas agora é manifestada em muitas novas formas especializadas de ministério pastoral, tais como capelania industrial, trabalho em hospitais e prisões e aconselhamento especializado, por exemplo, no aconselhamento matrimonial, cura cristã, e trabalho na área da toxicodependência e de suicídio potencial. Conselhos sobre saúde física e psíquica, problemas

sexuais e familiares, educação e relações de trabalho tornaram-se quase questões de primeira necessidade em muita literatura religiosa em muitas denominações, e manifestamente em seitas e denominações estabelecidas há relativamente pouco tempo.

V.IV. RELIGIÃO CONTEMPORÂNEA E MELHORAMENTO DE VIDA

Em alguns novos movimentos religiosos a pretensão de fornecer às pessoas um sentido de significado e propósito na vida tornou-se um foco explícito. Esses movimentos geralmente providenciam um sistema de metafísica abrangente, e muitas vezes complexo, dentro da qual os seus devotos encontram respostas intelectuais a questões de preocupação última. Tais movimentos incluíam Teosofia, Antroposofia, Gurdjieffismo, a Fé Kosmon e os movimentos do Pensamento Novo. À medida que a ênfase na sociedade contemporânea se afastou da preocupação pela vida após morte, novos movimentos (e em certa medida igrejas estabelecidas mais antigas) vieram a enfatizar atividades e propósitos «deste mundo» e objetivos gerais de «melhoramento de vida». O ascetismo das religiões que cresceram num mundo de escassez e desastre natural é menos congruente numa sociedade em que há uma elevada afluência e planeamento social muito mais abrangente para eliminar ou mitigar calamidades naturais e sociais. A moeda contemporânea de valores hedonistas na sociedade secular é refletida em religião, e as novas religiões procuram explicitamente proporcionar às pessoas melhor experiência de vida. Uma ênfase em pensamento positivo tornou-se amplamente atual na América na década de 1940.

Técnicas psicológicas para aumentar autocontrolo, autoaperfeiçoamento, motivação renovada e maior capacidade de enriquecimento espiritual tornaram-se parte do repertório de muitos movimentos religiosos à medida que a sociedade se afastou do aval a teologias carregadas de pecado que antigamente só eram apresentadas por igrejas cristãs tradicionais.

V.V. A RELAÇÃO DE RELIGIÃO E MORALIDADE

Muitas religiões prescrevem regras de maiores ou menores graus de especificidade para a observância de aderentes. A sua natureza, o vigor com que são prescritas e a severidade das sanções a elas ligadas, varia muito. No judaísmo regras regulamentam as minúcias de ritual e muitas contingências da vida quotidiana. No islamismo, regras religiosas afetam diversas situações da vida e proporcionam um sistema de regulação legal para a sociedade. Noutro lugar, a regulação moral não deriva de raízes explicitamente religiosas — como no caso de sociedade japonesa. Não há nenhuma relação normal entre um sistema de doutrina religiosa e um código moral. A associação de religião e moral no cristianismo é um padrão de relação,

mas este padrão não é típico para outros sistemas religiosos, e não pode ser assumido como um modelo necessário para uma tal relação.

V.VI. BUDISMO E MORALIDADE

Por exemplo, no budismo Theravada há prescrições para monges e umas quantas regras gerais impostas ao laicado. Um budista tem o dever de não matar, roubar, mentir, cometer atos sexuais ofensivos e beber intoxicantes. O Buda proporcionou conselhos morais em relação a deveres domésticos, comportamento em relação a amigos e cuidado do cônjuge, mas estas coisas são exortações àquilo a que se pode chamar bom senso social. O indivíduo deve ser prudente, poupado, industrioso, justo para os servidores e escolher como amigos aqueles que o vão restringir de fazer mal e exortar a ter uma conduta correta. Estas virtudes são prescritas como interesse próprio esclarecido, não são subscritas com o conceito de pecado como é apresentado no cristianismo. O desrespeito destas virtudes não incorre em castigos especiais, exceto no sentido de produzir mau karma. Evitar fazer mal no budismo é uma questão de interesse próprio esclarecido (pelo menos a longo prazo). A religião em si não prescreve sanções. Não existe nenhuma divindade colérica. No entanto, visto que se considera que as ações determinam estatuto nalguma futura reencarnação, os atos bons são aconselháveis por estarem em conformidade com o caminho óctuplo para o esclarecimento, uma vez que conduzem a renascimentos em circunstâncias melhores e putativamente à transcendência final de todos os renascimentos e à obtenção de Nirvana. Assim, embora o budismo apresente certamente valores éticos, o indivíduo é deixado com liberdade considerável no seu comportamento moral, e não está sujeito ao tipo de censura moral que prevaleceu em contextos cristãos.

V.VII. CRISTIANISMO E MORALIDADE

Em contraste definido, o cristianismo tradicional, entre os seus vários níveis de ensinamento ético, inclui um código elaborado de proibições, cuja transgressão veio a ser considerada pecado. Os mandamentos mínimos do judaísmo antigo respeitantes a delitos maiores foram ampliados por prescrições de teor muito mais exigente, especialmente em relação a sexualidade, e isto vindo tanto de Jesus como de Paulo. Houve também conselhos de perfeição de um tipo talvez irrealizável («Sede pois perfeito», e mais especificamente, ordens para amar os seus inimigos, perdoar «setenta e sete vezes», oferecer a outra face, etc.). Mas foi no conceito de pecado que o cristianismo veio a elaborar um rigoroso código moral. O homem era considerado inerentemente pecador, uma condição extrema da qual apenas a virtude exemplar e o sacrifício sobre-humano de Cristo podia redimi-lo. Os defeitos indicados no Antigo Testamento (falhas

em ritual, motivação falsa, injustiça, idolatria, a desobediência a Deus) foram alargados a defeitos em responsabilidade, e deficiência fundamental no carácter e consciência humanos. Embora o universo criado não fosse visto como inerentemente pecador por Agostinho, o homem era pecador e o carácter de pecado era essencialmente privativo. Este ponto de vista permeou o catolicismo medieval.

A instituição de confissão auricular, o desenvolvimento de um procedimento elaborado para penitências, e posteriormente a elaboração do conceito de purgatório, indicaram a severidade com que o pecado era encarado. Mas enquanto o catolicismo, apesar de pronunciar-se vigorosamente contra o pecado, reconhecia a fragilidade da humanidade e acomodava-a pela instituição do confessor, o protestantismo rejeitava esse instrumento para o alívio da culpa. O calvinismo intensificou a angústia pessoal dos pecadores, e é creditado com o desenvolvimento de um sistema de teologia que levou à internalização do controlo moral e à formação da consciência.

V. VIII. MUDANÇAS NA ATITUDE CRISTÃ PARA COM O PECADO

Só no século XIX a preocupação cristã com o pecado começou a diminuir. De forma constante ao longo desse século, a preocupação cristã com o inferno e danação recuou, mas por esta altura a moralidade secular tinha adquirido uma influência autónoma sobre a vida pública. No século XX, a severidade da moral vitoriana foi gradualmente moderada, até que na década de 1960 exigências severas, especialmente na área da conduta sexual, deram lugar a permissividade moral. Assim, é evidente que o modelo postulado da relação entre religião e moralidade está longe de ser constante mesmo no caso do cristianismo. E esta medida de variedade não existe apenas ao longo do tempo. Ela também pode ser exemplificada entre as denominações contemporâneas. As atitudes morais encontradas entre os evangélicos atuais (que se encontram em várias denominações, incluindo a Igreja da Inglaterra) continuam a manifestar uma forte preocupação com o pecado pessoal em muitas áreas de conduta. Em contraste, a ideia de pecado tornou-se quase ultrapassada entre muitos clérigos liberais, alguns dos quais rejeitam inteiramente as reivindicações de um código moral absoluto como foi tradicionalmente adotado pelas igrejas cristãs, preferindo compromisso com a ética da situação, cujas implicações devem frequentemente opor-se radicalmente a preceitos morais cristãos recebidos. Outra atitude, muito diferente, é adotada em Ciência Cristã, na qual o pecado é considerado meramente como erro procedente de uma falsa apreensão da realidade, e que, juntamente com a doença, se acredita ser eliminado por uma mudança de modo de pensar de material para espiritual.

V.IX. E ASPETOS SACRAMENTAIS E SACERDOTAIS DO CRISTIANISMO

As crenças e valores religiosos costumam encontrar expressão em símbolos, procedimentos e instituições, conforme indicado no para II.I acima. A forma de tais símbolos, procedimentos e instituições varia muito, no entanto, e mais uma vez, o modelo fornecido pelas igrejas cristãs — um modelo tão facilmente adotado numa sociedade cristã — é um guia inadequado para outras fés. O próprio cristianismo apresenta uma grande variedade de formas de expressão. Estas são mais do que meras diferenças aleatórias incidentais ditadas pela estética ou simples conveniência. As diferenças são muitas vezes elas próprias questões de convicção profunda, penetrando no núcleo da fé religiosa. As principais tradições religiosas do mundo manifestam orientações amplamente divergentes, desde o sacerdotalismo, o compromisso de sacrifício e sacramentalismo, profusos auxiliares sensuais da fé (como incenso, dança e imagística) até ao ascetismo e dependência singular de expressão verbal e oração. Ambos os extremos podem ser encontrados no hinduísmo, no budismo e no cristianismo, enquanto que, na sua expressão ortodoxa, o islamismo é mais uniformemente ascético — ocorrendo as suas manifestações extáticas nas franjas.

Pode ser suficiente ilustrar a diversidade predominante dentro da tradição cristã. A igreja romana no seu desenvolvimento tradicional representa o uso elaborado da sensação auditiva, visual e olfativa ao serviço da fé. A liturgia católica, embora renunciando ao uso de dança e drogas, que têm sido usadas noutras tradições, tem rituais, vestimentas e sacramentos elaborados numa profusão de cerimónias, que marcam o calendário e a hierarquia da Igreja e os ritos de passagem dos indivíduos. Em contraste com o catolicismo romano está o quakerismo, no qual o conceito de sacerdócio, a representação de ritual (mesmo dos padrões comemorativos não sacramentais do ritual comum em igrejas protestantes) e o uso de imagens ou vestimentas são rejeitados. A ênfase na adequação de desempenhos laicos, a rejeição da sacralidade, seja de edifícios, lugares, estações ou de cerimónias, e de auxiliares da fé tais como rosários e talismãs, é uma característica em maior ou menor grau de muita religião protestante. Evangélicos (de várias denominações) rejeitam a ideia de um sacerdócio, e quakers, irmãos, cristadelfianos e cientistas cristãos rejeitam até um ministério pago. Os batistas retêm o batismo e a maioria das outras denominações retêm uma cerimónia de quebra de pão, mas muitas vezes apenas como atos comemorativos de obediência às escrituras, e não como ações com qualquer mérito intrínseco.

A religião protestante deu muito mais ênfase à palavra escrita da escritura do que a fé católica, mesmo que às vezes quase à custa de transformar a própria Bíblia em fetiche. Costumes e

práticas persistem em todas as religiões, mas por vezes são mínimos como na ênfase dos quakers em apenas estabelecer uma hora e local de encontro e na tentativa dos cristadelfianos de evitar todos os gabinetes e estatutos numa comunidade em que todos devem estar igualmente comprometidos com o serviço de Deus.

VI. ESBOÇO BREVE DE SCIENTOLOGY

VI.I. A IGREJA DE SCIENTOLOGY COMO UMA RELIGIÃO NOVA

A Igreja de Scientology é um de muitos novos movimentos religiosos que abraçam características que correspondem em certos aspetos a algumas das tendências evidentes na religião ocidental dominante (como referido acima nos Parags. V.I.-V.IV.). Emprega linguagem que é contemporânea, coloquial e não mística, e apresenta os seus dogmas como questões de facto objetivo. O seu conceito de salvação tem uma dimensão próxima e também uma dimensão absoluta. O vasto interesse que despertou entre o público dos países avançados do mundo ocidental tornou-a um foco de atenção entre sociólogos e outros estudiosos de religião contemporânea.

VI.II. O MEU CONHECIMENTO DE SCIENTOLOGY

Comecei a ler a literatura produzida pela Igreja de Scientology em 1968 e numa altura até projetei um estudo do movimento. Embora tenha acabado por não realizar esse trabalho, continuei a ler a literatura de Scientology. Visitei a sede da Igreja em Saint Hill Manor, East Grinstead, e conheci Scientologists. Desde essa altura tenho mantido contacto com o movimento em Inglaterra e fiz outras visitas a Saint Hill Manor e à igreja de Scientology em Londres. Tenho mantido um grande interesse no desenvolvimento da religião como uma entre muitas religiões contemporâneas que são objetos de interesse para mim como sociólogo. Li, entre outro material de natureza mais efémera, as seguintes obras, todas elas publicações oficiais, e a maior parte delas da autoria de L. Ron Hubbard:

Manual para Preclears

Scientology 8-80

Scientology 8-8008

Introdução ao E-Metro

Dianética: A Tese Original
Dianética: O Poder da Mente sobre o Corpo
Teste de Memória da Linha do Tempo Completa
Os Problemas do Trabalho
Autoanálise
A Criação da Capacidade Humana
As Conferências de Phoenix
Os Axiomas de Scientology
Procedimento Avançado e Axiomas
Scientology: Uma Nova Perspetiva sobre a Vida
O Carácter de Scientology
Cerimónias da Igreja Fundadora de Scientology
A Religião de Scientology
Ciência da Sobrevivência
Introdução à Ética de Scientology
O Caminho para a Felicidade
Descrição da Religião de Scientology
O Que É Scientology?
O Manual de Scientology

Em trabalhos que escrevi sobre novas religiões, fiz referência a Scientology em várias ocasiões, e incluí uma breve descrição desta religião no meu livro, *Religious Sects (Seitas)* (Londres: Weidenfeld, 1970), e uma discussão mais longa sobre o carácter religioso de Scientology no meu livro, *The Social Dimensions of Sectarianism (As Dimensões Sociais de Sectarismo)* (Oxford: Clarendon Press, 1990). Tenho mantido o meu interesse no movimento durante os últimos vinte e seis anos.

VI.III. DIANÉTICA — A GÉNESE DE SCIENTOLOGY

Quando, em maio de 1950, o Sr. L. Ron Hubbard apresentou pela primeira vez o prospeto de Dianética, a partir do qual Scientology se desenvolveu posteriormente, não houve nenhuma sugestão de que ele estivesse a apresentar um padrão de crença e prática. Dianética, uma terapia de ab-reação não foi apresentada na linguagem da fé. Não há razão para supor que, naquela época, Hubbard tenha pensado que a Dianética se tornaria um sistema de crenças e práticas religiosas, ou que os seus seguidores viriam a descrever-se e organizar-se como uma igreja.

VI.IV. CURA MENTAL E RELIGIÃO

A prática terapêutica, no entanto, tem muitas vezes manifestado um potencial para adquirir afiliações metafísicas e religiosas como, de maneiras diferentes, se pode ver na Ciência Cristã, no movimento do Novo Pensamento e nas técnicas de ioga. Por outro lado, as religiões estabelecidas desenvolveram, por vezes, atividades especializadas relacionadas com a cura, particularmente a cura mental, e as grandes igrejas às vezes têm departamentos organizados para esse fim. A Dianética não invocou princípios religiosos no início, mas à medida que a legitimação teórica para a prática se tornou elaborada, uma dimensão metafísica foi crescentemente reconhecida e algumas das ideias apresentadas passaram a ser descritas em termos que claramente tinham implicação religiosa.

VI.V. COMO AS RELIGIÕES EVOLUEM

Todas as religiões são um produto de evolução. Nenhuma religião apareceu como um sistema completo de crença e prática num dado momento do tempo. Nisso, a Scientology não é exceção: de um corpo de teoria terapêutica desenvolveu-se uma religião. Seria quase impossível dizer quando o próprio cristianismo se tornou uma religião, começando, como começou, com um conjunto de exortações éticas e milagres ocasionais, tornando-se um movimento popular entre os galileus, tornando-se gradualmente uma seita judaica, e tornando-se depois uma religião distinta. Mesmo então, foram necessários séculos para as suas doutrinas estarem completamente articuladas, e a sua prática ritual tem continuado a sofrer mudança frequente. Em movimentos de tempos mais recentes, o processo de evolução para uma religião é evidente ainda mais claramente. A igreja Adventista do Sétimo Dia tem as suas raízes na crença amplamente difundida mesmo no princípio do advento de Jesus Cristo que ocorreu entre batistas, presbiterianos, metodistas e outros no norte de Nova Iorque na década de 1830: a igreja foi formada só em 1860. Da mesma forma, foram necessárias várias décadas após a primeira experiência (das Irmãs Fox) das «batidas» em Hydesville (supostamente mensagens do «mundo do espírito») antes da formação de uma igreja espiritualista. Da mesma forma, Mary Baker Eddy já tinha experimentado sistemas de cura mental durante anos quando «descobriu» a sua cura mental em 1866, e durante alguns anos depois dessa data ela pensou que o seu sistema seria levado para as principais igrejas em vez de se tornar a base para a Igreja de Cristo, Cientista, que ela fundou em 1875. Os pentecostais experimentaram o carisma de expressão em línguas desconhecidas, profetizar, curar e outros «dons» desde o ano 1900, mas igrejas pentecostais separadas só se formaram muito lentamente no decurso das duas

décadas seguintes. Estes movimentos tornaram-se todas religiões separadas, mas nenhum deles começou como tal. E Scientology também não.

VI.VI. DOCTRINA DE SCIENTOLOGY — O DESENVOLVIMENTO DA METAFÍSICA

É necessário, mesmo à custa de alguma possível repetição no que se segue, definir em termos gerais uma declaração abrangente dos principais ensinamentos da Scientology e indicar até que ponto esses princípios de crença constituem um sistema religioso coerente. Scientology nasceu de um sistema terapêutico concentrado mais estreitamente, a Dianética. Tem sido sugerido que este termo foi uma combinação de *dia* = através, e *nous* = mente ou alma, e assim constituiu, mesmo que inicialmente não fosse de modo totalmente consciente, uma perspectiva religiosa. Com a incorporação da Dianética no contexto mais amplo da Scientology, foi articulado um conceito muito mais amplo de um sistema metafísico abrangente que tornou evidente a natureza fundamentalmente religiosa desta filosofia. Embora a aplicação imediata da Dianética tenha sido — como a dos ensinamentos de Cristo durante a sua vida — na esfera da cura mental, o propósito dos ensinamentos subsequentes, que explicavam e promoviam essa atividade terapêutica, implicou uma crescente percepção de ideias e valores espirituais.

VI.VII. DOCTRINA DE SCIENTOLOGY — O THETAN E A MENTE REATIVA

O postulado básico de Scientology é que o homem é, de facto, uma entidade espiritual, um *thetan* que sucessivamente ocupa corpos materiais humanos. O *thetan* é uma expressão individual de *theta*, que se entende como vida ou a fonte da vida. Definido livremente, o *thetan* é a alma, mas é também a pessoa real, a identidade que continua e persiste e que transcende o corpo que habita. Diz-se que é imaterial e imortal, ou pelo menos que tem a capacidade de ser imortal, e que tem um potencial criativo infinito. Não faz parte do universo físico — mas tem a capacidade latente de controlar esse universo, que é composto de Matéria, Energia, Espaço e Tempo (MEST). Os *thetans* são vistos como tendo criado o mundo material em grande parte para seu próprio prazer (o que também se pode dizer da criação do mundo pelo Deus cristão). Considera-se que, em algum passado longínquo, os *thetans* tornaram-se vítimas do seu próprio envolvimento com MEST, tendo ficado aprisionados por ele e permitido que a sua própria criação limitasse as suas capacidades e circunscrevesse a sua esfera de operações. Assim, as atividades e conquistas do homem no mundo material atual ficam muito aquém do

seu potencial: ele é invadido por inúmeros enredos passados com MEST e estes estão registados numa mente reativa que responde irracional e emocionalmente a qualquer coisa que lembre experiências dolorosas e traumáticas do passado (que ele sofreu ou causou a outros). A mente reativa funciona a despeito da capacidade de controlo que ele, se fosse capaz de recuperar as suas verdadeiras capacidades espirituais nativas, poderia exercer sobre o seu corpo e o seu ambiente. Embora o homem seja considerado fundamentalmente bom, e desejoso e também capaz de sobrevivência, a perda das suas capacidades no passado entregou-lhe um espécie ameaçada.

VI.VIII. DOCTRINA DE SCIENTOLOGY — REENCARNAÇÃO E KARMA

Acredita-se que os thetans tenham ocupado inúmeros corpos ao longo de éones. Assim, Scientology abraça uma teoria que, embora diferindo em pormenores, compartilha importantes conceções com a teoria da reencarnação mantida no hinduísmo e budismo. A ênfase de Scientology na importância da consequência presente (ou futura) de ações do passado assemelha-se ao conceito de karma. Os efeitos indesejáveis resultam de «atos overt» (atos nocivos) que são um aspeto do enredo com o universo material. O ideal para o thetan é manter ação racional e ser «causa» sobre fenómenos: isto é, determinar o curso dos acontecimentos no ambiente imediato. Esta ideia tem analogias claras com o conceito oriental de criar bom karma para o futuro por meio de feitos benéficos, apesar de os Scientologists não usarem estes termos ou conceitos. Os acontecimentos de vidas passadas afetam o presente, mas, pelas técnicas desenvolvidas em Scientology, esses acontecimentos podem ser lembrados, confrontados e as fontes específicas de problemas atuais podem ser localizadas nesses acontecimentos. É esta habilidade que fornece a base para a cura espiritual — isto é, proporciona a oportunidade para alterar os efeitos do «karma» de ações passadas.

VI.IX. DOCTRINA DE SCIENTOLOGY — AS OITO DINÂMICAS

A existência, de acordo com Scientology, pode ser reconhecida em oito divisões diferentes de ordem de magnitude ascendente, sendo cada uma designada como uma dinâmica. Em resumo estas são: 1ª, a dinâmica do «eu», o impulso do «eu» para a existência; 2ª, a dinâmica do sexo, que incorpora tanto o ato sexual como a unidade familiar e a manutenção da família; 3ª, a vontade de existência que se encontra num grupo ou numa associação, por exemplo, a escola, a cidade ou a nação; 4ª, a vontade dinâmica da humanidade para manter a sua existência; 5ª, a existência e a vontade de sobreviver de todo o reino animal, que inclui todas as entidades vivas; 6ª, o impulso para a existência de todo o universo físico de matéria, energia, espaço

e tempo; 7ª, «o impulso para a existência como espíritos ou de espíritos», que inclui todos os fenômenos espirituais, com ou sem identidade; e por fim, a 8ª dinâmica: o impulso para a existência como infinito. Esta dinâmica é identificada como o Ser Supremo, que também pode ser chamada a «dinâmica de Deus.» Scientology preocupa-se com a sobrevivência e a sobrevivência de cada uma destas dinâmicas é vista como parte do objetivo da prática de Scientology. Assim, embora grande parte da prática inicial de Scientology se preocupe mais restritamente com benefícios espirituais mais pessoais para aqueles (preclears) que procuram assistência Scientológica, em última análise, o Scientologist deve perceber que a sua vida presente é apenas um fragmento da sua existência contínua como um thetan, e que a vida do indivíduo está ligada a cada um destes níveis ascendentes descritos nas oito dinâmicas, e assim finalmente à existência e sobrevivência do Ser Supremo ou infinito

VI.X. DOCTRINA DE SCIENTOLOGY — TERAPIA E COMUNICAÇÃO

Como em outras religiões, a preocupação primária e inicial de muitos daqueles que são atraídos para a Scientology é a libertação próxima de sofrimento e angústia imediatos; este é o apelo do elemento terapêutico que se encontra em muitas religiões — e conspicuamente no início do cristianismo — ao lado de ensinamentos mais místicos, metafísicos e espirituais a que os crentes devem chegar à medida que crescem na fé (ver Hebreus, 5:12-14). A maioria dos Scientologists tomaram pela primeira vez conhecimento da possibilidade de melhorar a sua experiência quotidiana e de aumentar a sua inteligência (ganhando controlo crescente da mente reativa). A possibilidade de alcançar tais resultados, através do processo de audição, está representada na fórmula conhecida como A-R-C. «A» significa Afinidade, que representa a experiência emocional do indivíduo e o seu sentimento de relação com os outros através de emoções. «R» significa Realidade, que é representada como consenso intersubjetivo acerca de fenômenos objetivos. «C» significa Comunicação e a Scientology dá uma grande importância à comunicação. Quando as pessoas têm uma afinidade, quando estão de acordo sobre a natureza de fenômenos objetivos, então a comunicação pode ocorrer muito facilmente. Associada a este conceito triádico de A-R-C, está a escala de emoções humanas, que os Scientologists conhecem como a «escala de tom». À medida que o tom emocional desce, a comunicação torna-se difícil, e a realidade passa a ser experimentada deficientemente. A própria comunicação é, no entanto, um meio que procura aumentar a compreensão e, usada de forma eficaz e com precisão, torna-se o principal meio terapêutico para libertar o indivíduo do aprisionamento que ele tem experimentado com o mundo material. O thetan pode ser capaz de comunicar com o seu próprio passado, reconhecer a natureza de experiências traumáticas e alcançar o conhecimento que lhe permite escapar a estas dificuldades.

VI.XI. DOUTRINA DE SCIENTOLOGY — AUDIÇÃO COMO UM MEIO DE TERAPIA

A Escala de Tom é a primeira representação para o indivíduo da possibilidade de beneficiar de Scientology, indicando uma subida do tom emocional crônico, como apatia, pesar e medo para entusiasmo (e, em níveis mais avançados, para exultação e serenidade). É para experimentar benefícios deste tipo que muitos são atraídos para Scientology em primeiro lugar. A técnica para esse progresso encontra-se na audição, na qual um Scientologist treinado, usando perguntas cuidadosamente controladas, leva o indivíduo a recuperar a consciência de episódios do seu próprio passado que deixaram uma marca traumática (um «engrama») na mente reativa dele e que o impedem de agir racionalmente. A liberação dos efeitos destes impedimentos ao pensamento racional é assim o processo que leva o indivíduo a subir na «escala de tom», melhorando deste modo as suas competências, mas é também — e aqui está o seu significado religioso mais completo — o método pelo qual o thetan poderá obter a salvação, inicialmente eliminando as aberrações que sofre como consequência de enredos com o mundo material, e obtendo por fim total liberdade dos maus efeitos do universo MEST . Os Scientologists referem-se a esta condição como estar «em causa.» Tem analogias claras com o modo de salvação que é oferecido em religiões orientais. Uma vez que elas também veem o indivíduo sobrecarregado pelos efeitos de ações passadas (karma), o conceito de salvação que elas defendem também é através de um processo (iluminação) pelo qual o efeito do karma pode ser quebrado, libertando o indivíduo. O objetivo final é o indivíduo, conhecido como um Thetan Operante, existir fora do corpo, estar numa condição descrita como «exterior» a toda a fisicalidade. Tal condição é uma condição que pelo menos alguns cristãos reconheceriam como a condição da alma salva.

VI.XII. DOUTRINA DE SCIENTOLOGY — MEIO RACIONAL DE SALVAÇÃO

A filosofia religiosa delineada acima está por trás da prática de Scientology. O próprio Hubbard considerava que esta tinha algumas semelhanças com a filosofia das religiões orientais. Especificamente, ele citou os Vedas, os hinos da criação que fazem parte da tradição hindu, contendo um conceito muito semelhante ao «Ciclo de Ação» de Scientology. O Ciclo de Ação é a ordem de vida aparente desde o nascimento, através do crescimento, decadência e morte, mas através do conhecimento que Scientology disponibiliza, os efeitos maléficos da operação deste ciclo poderão ser evitados. O ciclo pode ser alterado de criação, sobrevivência e destruição, para um ciclo em que todos os elementos podem ser atos criativos: Scientology está empenhada em promover e aumentar a criatividade e vencer o caos e negatividade. Ela reconhece uma

«linha do tempo» contínua ou linha de procedência de sabedoria dos Vedas e Gautama Buda para a mensagem cristã, e reivindica alguma afinidade com os ensinamentos de todas estas. Mas embora a sabedoria apresentada, por exemplo no budismo, talvez tenha ocasionalmente permitido que indivíduos alcançassem a salvação numa vida, não havia, então, nenhum conjunto de práticas exatas que assegurassem esse resultado; havia pouca possibilidade de replicação. A obtenção de salvação permaneceu assunto de fatores aleatórios ou sem controlo. A salvação era alcançada, se era, por uns poucos, aqui e ali, uma vez por outra. O que Hubbard pretendia fazer era padronizar, quase rotinar, prática religiosa, e aumentar a previsibilidade de resultados soteriológicos. Essa aplicação de métodos técnicos a objetivos espirituais indica a medida em que Scientology adota técnicas modernas para a realização de objetivos que outrora eram alcançados só espasmódica e ocasionalmente, se eram. Isto é, então, a tentativa de introduzir certeza e ordem em exercícios espirituais e realizações. Scientology procura disciplinar e ordenar a busca religiosa por meio do emprego de procedimentos racionais. Neste sentido, ela fez na era tecnológica muito do que o metodismo procurou fazer uma etapa anterior de desenvolvimento social, tentando persuadir as pessoas de que o objetivo da salvação estava a ser procurado de forma controlada, disciplinada e metódica. Enquanto os métodos dos metodistas ainda eram expressos na linguagem relativamente convencional do cristianismo corrente, os métodos defendidos por Scientology transportam a forte impressão de uma sociedade mais completamente comprometida com procedimentos racionais e tecnológicos. Os meios que Scientology emprega têm sido comparados com o *upaya* («método correto») do sétimo estágio do Caminho Bodhisattva para a salvação no budismo Mahayana. De acordo com esta versão do Budismo, na sétima etapa, o crente torna-se um Bodhisattva transcendental que (como o Thetan Operante em Scientology) já não está amarrado a um corpo físico.

VI.XIII DOCTRINA DE SCIENTOLOGY — AUDIÇÃO COMO ACONSELHAMENTO PASTORAL

Os meios que Scientology emprega constituem uma forma de aconselhamento pastoral, muito especificamente organizado nas técnicas de *audição* (do latim *audire*, ouvir). As técnicas específicas e instrumentos de audição estão organizados como uma tecnologia que constitui a parte central da prática religiosa de Scientology. Este padrão de prática é essencial para todos aqueles que querem experimentar os benefícios redentores da fé, e Hubbard esforçou-se por reduzir o processo de esclarecimento espiritual a um conjunto de procedimentos ordenados que sistematicamente alcançam níveis mais profundos de consciência. Este método, como o de afirmação na Ciência Cristã, afirma eliminar tanto o sentido do pecado como os efeitos de sofrimento e delitos do passado.

VI.XIV. DOCTRINA DE SCIENTOLOGY — ETAPAS DE SALVAÇÃO

As duas etapas principais neste processo de cura e soteriológico são as condições descritas respetivamente como Clear e Thetan Operante. O preclear que encontra Scientology pela primeira vez é perturbado pelos impedimentos mentais de experiências dolorosas e emocionais passadas. A audição procura trazer estes itens para a consciência, fazer o indivíduo comunicar com o seu passado, confrontar esses acontecimentos que deram origem a descarga emocional, e com isto levar o indivíduo até um ponto em que ele transcende essa descarga e pode rever estas perturbações até agora esquecidas com total equanimidade e consciência racional. Os efeitos maléficos de tais coisas são assim dissipados. Bloqueios mentais, sentimentos de culpa e incapacidade, fixação com traumas do passado ou ocasiões incidentais de transtorno emocional, tudo isso é superado. O indivíduo é levado «para tempo presente», isto é, ele é libertado dos efeitos incapacitantes de eventos que ocorreram na «linha do tempo» anteriormente na vida atual do thetan ou em vidas passadas. Ao melhorar a comunicação, a audição leva o thetan para uma condição em que os empecilhos do passado já foram eliminados. Ele é definido como um Clear, um ser que já não tem a sua própria mente reativa, que é autodeterminado, pelo menos com respeito ao seu próprio ser. O Thetan Operante está num nível mais elevado do mesmo processo, visto que ele além disso adquiriu controlo sobre o seu ambiente. Ele já não está dependente do corpo que ocupa por agora: diz-se, de facto, que ele já não está num corpo. Por outras palavras, pode dizer-se que o Thetan Operante é um ser que realizou o seu potencial espiritual pleno, que alcançou a salvação. O livro corrente *O que É Scientology?* p. 222) afirma: «no nível de Thetan Operante lida-se com a própria imortalidade do indivíduo como um ser espiritual. Lida-se com o próprio thetan em relação à eternidade... existem estados mais elevados do que esse de homem mortal.»

VI.XV. PAPÉIS RELIGIOSOS EM SCIENTOLOGY — O AUDITOR

A assistência religiosa está disponível em Scientology através de quatro agentes relacionados, cujos papéis se complementam e também se sobrepõem em certa medida. Estes funcionários são o auditor, o supervisor de caso, o supervisor de curso e o capelão. O papel do auditor é fundamental: a audição é a técnica vital para a aquisição por fim dessa forma de esclarecimento pela qual o indivíduo é salvo. O auditor é treinado em perícias com que ajuda outros e os ajuda a ajudarem-se a si mesmos. «Requer-se que todos os auditores de Scientology se tornem ministros ordenados» [*O Que É Scientology?* p. 557] e todos os auditores fizeram cursos de treino que os preparam para o ministério, mesmo que na verdade não assumam esse papel. O auditor aprende a lidar com o preclear que procura a sua ajuda

de forma tão neutra e clínica quanto possível. Ao contrário do confessor na Igreja Católica Romana, o auditor não procede de acordo com as suas próprias apreensões espirituais e conforme a sua própria avaliação pessoal das necessidades do preclear, em vez disso, ele segue minuciosamente os procedimentos prescritos. Todo o estímulo de Scientology é na direção da eliminação de elementos incidentais, fortuitos e idiossincráticos da sua assistência terapêutica e espiritual. São feitos todos os esforços para assegurar que a emoção do auditor não perturbe os procedimentos e técnicas standard de audição. O aconselhamento pastoral é assim visto, particularmente na situação de audição, *por si só* como uma técnica muito mais exata do que geralmente tem sido considerado em igrejas convencionais, e é objeto de muito mais atenção e mais precisão. Para os Scientologists, o aconselhamento pastoral não é o fornecimento de conselhos aleatórios dados ao arbítrio pessoal ou competência variável de um indivíduo a outro, mas um esforço sistemático e controlado para promover o autoesclarecimento e o conhecimento espiritual.

VI.XVI. PAPÉIS RELIGIOSOS EM SCIENTOLOGY — O SUPERVISOR DE CASO

A responsabilidade pela aplicação correta dos procedimentos de audição recai sobre o supervisor de caso. Uma das funções mais importantes de um supervisor de caso é a revisão cuidadosa das notas que o auditor tirou da sessão de audição em questão. Estas notas são altamente técnicas, incompreensíveis exceto para um auditor treinado — e consistem em anotações sobre os procedimentos de audição aplicados, as respostas indicadas pelo E-Metro e como é que o preclear se saiu. As notas devem ser suficientemente completas para mostrar que o progresso espiritual do preclear está de acordo com a soteriologia de Scientology. O supervisor de caso é capaz de compreender estas notas técnicas visto que ele próprio é um auditor altamente treinado que se submeteu a treino adicional especializado como um supervisor de caso. Ele verifica se a audição correspondeu aos padrões prescritos, se as técnicas foram aplicadas corretamente, e se o preclear está a fazer progresso adequado. No caso de ter ocorrido algum erro em audição o supervisor de caso deteta-o e corrige-o. Ele pode requerer que um auditor que erra reestude os materiais mal aplicados e pratique o procedimento correto para assegurar que os erros não sejam repetidos. Depois de cada sessão ele especifica o próximo estágio de audição. Uma vez que as pessoas diferem, cada caso é revisto individualmente para determinar os processos apropriados a serem aplicados e para assegurar que o preclear faça o progresso espiritual devido. O papel do supervisor de caso assegura assim que a audição de Scientology seja adequadamente conduzida e controlada.

VI.XVII. PAPÉIS RELIGIOSOS EM SCIENTOLOGY — O SUPERVISOR DE CURSO

O supervisor de curso é ainda mais fundamental para a prática de Scientology do que o auditor. É o supervisor de curso que treina auditores para os padrões exigentes estabelecidos por Hubbard. O supervisor de curso é um perito nas técnicas de estudo desenvolvidas por Hubbard. Ele é treinado para identificar quaisquer obstáculos à compreensão e resolver quaisquer dificuldades que o estudante de literatura Scientológica possa encontrar. O supervisor de curso assegura que um estudante de Scientology compreenda a teoria de Scientology e, praticando e fazendo exercícios, domine a sua aplicação. Ao contrário de outros supervisores de sala de aula, o supervisor de curso não dá lições nem sugere a sua própria interpretação do assunto de nenhuma maneira. Este ponto é importante porque os Scientologists acreditam que os resultados obtidos em Scientology provêm apenas de seguir minuciosamente as escrituras de Scientology exatamente como foram escritas por Hubbard. Exposições verbais passadas de professor para estudante, por mais involuntárias que sejam, envolvem inevitavelmente alteração do material original. Assim, o supervisor de curso é necessariamente um perito em reconhecer a situação quando um estudante se depara com um problema, e em dirigi-lo para o lugar onde, pelos seus próprios esforços, ele pode encontrar a respetiva solução.

VI.XVIII. PAPÉIS RELIGIOSOS EM SCIENTOLOGY — O CAPELÃO

As igrejas e missões de Scientology têm um capelão cada uma. Este é um auditor treinado, e o curso ministerial é uma parte essencial do seu treino. Esse curso apresenta Scientology como uma religião, como um meio pelo qual os homens podem alcançar a salvação. Inclui uma introdução aos ensinamentos das grandes religiões do mundo, treino de conduzir os serviços e cerimónias, estudo do Credo e códigos de Scientology e instrução em ética e tecnologia de audição. O aspeto mais importante do papel do capelão talvez seja o aconselhamento pastoral, não no sentido geral em que tal aconselhamento é fornecido no decurso da audição, mas sim no sentido mais difuso, ouvindo os problemas e dificuldades com que os Scientologists se deparam ao dominar os ensinamentos e técnicas da fé. Os capelães procuram suavizar operações organizacionais, e se chamados para isso, procuram interpretar assuntos morais e mesmo familiares de acordo com princípios Scientológicos. No seu funcionamento dentro de uma organização de Scientology, eles agem muito como um bispo capelão na igreja estabelecida. O capelão serve como celebrante nos ritos de passagem realizados na Igreja (batismo, casamento e ritos funerários). Em serviços semanais (realizados, por conveniência geral, aos domingos), o

capelão ordena o serviço, sobre o qual ele exerce alguma discricção geral. Dentro do serviço, ele também preenche um papel de pregação, muito semelhante a um ministro não conformista, e aqui a sua função é de expositor (em vez de orador). O seu discurso está sempre rigorosamente relacionado com os ensinamentos e aplicação dos princípios da fé.

VI.XIX. MEIOS TÉCNICOS PARA OBJETIVOS ESPIRITUAIS — UMA RELIGIÃO NÃO UMA CIÊNCIA

Para compreender o funcionamento de Scientology e dos seus profissionais religiosos, é necessário reconhecer que Scientology associa meios técnicos a objetivos espirituais. A sua ênfase na técnica, o seu uso de linguagem técnica e a sua insistência em procedimento sistemático e ordem detalhada não deve obscurecer a natureza espiritual e soteriológica das suas preocupações últimas. Scientology é uma religião que surgiu num período dominado pela ciência; os seus métodos trazem a marca da época em que surgiu. Parte do seu compromisso fundamental é a ideia de que o homem precisa de pensar racionalmente, e de controlar as suas próprias emoções poderosas porém perturbadoras. Só desta maneira é que o homem alcançará o completo livre-arbítrio e autodeterminação que os Scientologists acreditam ser seu direito e sua necessidade. Para alcançar a salvação, o indivíduo tem de fazer uma aplicação constante e estável de fórmulas bem articuladas. Como a Ciência Cristã, Scientology procura lidar com certezas. Os objetivos supremos de Scientology podem parecer transcender as provas empíricas, e as crenças dos seus seguidores são transcendentais, metafísicas e espirituais embora a religião dê ênfase à experiência pessoal como a rota para a convicção ou certeza pessoal. O estilo científico do discurso Scientológico não menospreza o seu estatuto religioso e preocupações.

VII. UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA EVOLUÇÃO DA IGREJA DE SCIENTOLOGY

VII.I. A EVOLUÇÃO DE IDEIAS SCIENTOLÓGICAS — VIDAS PASSADAS

Desde meados de 1950, Hubbard já tinha percebido que as vidas passadas poderiam ser importantes para explicar os problemas do homem. A fundação que ele estabeleceu em Elizabeth, Nova Jérсия, estava nesse tempo a dedicar-se a um estudo de possíveis benefícios de «recordar» «as circunstâncias das mortes em encarnações anteriores» [Joseph A. Winter, *A Doctor's Report on Dianetics: Theory and Therapy (O Relatório de um Médico sobre Dianética:*

Teoria e Terapia, Nova Iorque: 1951, p. 189]. Este interesse desenvolveu-se no sentido de um compromisso positivo com o ponto de vista de que experiências deletérias em vidas passadas (bem como no princípio da vida) criaram «engramas» (impressões ou quadros de imagem mental que formam a mente reativa, que estão associadas a dor e inconsciência, e que causam doenças, inibições e daí o comportamento irracional). Dianética e Scientology teve assim de ser alargada para eliminar estes engramas, bem como os criados por experiências antigas na vida presente do indivíduo.

VII.II. A EVOLUÇÃO DAS IDEIAS SCIENTOLÓGICAS — DE DIANÉTICA A SCIENTOLOGY

Este distúrbio da vida mental foi expresso, noutra nível, como tendo theta, o universo do pensamento, sido «enturbulado» por MEST. A audição pretendia libertar theta deste impedimento. O conceito de theta também sofreu refinamento em 1951, sendo reconhecido como «força vital, élan vital, o espírito, a alma» [em *Ciência da Sobrevivência*, p. 4]. Neste ponto, pode dizer-se que o sistema de crenças de Hubbard se tornou um sistema para a cura de almas. Este desenvolvimento tornou-se mais explícito quando, em 1952, Hubbard lançou Scientology, e este novo sistema de crença expandido e mais abrangente incluiu Dianética, fornecendo-lhe uma base racional metafísica articulada mais completamente. *Theta* agora tornou-se o *thetan*, um equivalente mais explícito da alma, e a dimensão religiosa do sistema agora tornou-se explícita. O thetan foi percebido como a identidade essencial do indivíduo, a própria pessoa (o que está consciente de estar consciente) e a teoria Scientológica agora fornecia a justificação metafísica para a tarefa soteriológica de libertar o thetan dos maus efeitos de vidas precedentes (ocupações precedentes de corpos humanos).

VII.III. A EVOLUÇÃO DAS IDEIAS SCIENTOLÓGICAS — THETAN E CORPO

O indivíduo não pode falar sobre o «meu thetan» visto que em essência o indivíduo é o thetan a ocupar um corpo; neste sentido, o thetan é visto como ainda mais importante do que a alma na interpretação convencional cristã. O thetan entra num corpo (no, depois, ou até antes do nascimento) à procura de identidade. Neste sentido, Scientology tem alguma semelhança com os conceitos incluídos na teoria budista da reencarnação. Hubbard, no entanto, é mais definido e preciso na sua caracterização da redistribuição de thetans a corpos do que qualquer coisa encontrada em escrituras budistas.

VII.IV. SALVAÇÃO PRÓXIMA E ÚLTIMA

A meta inicial da audição de Scientology é libertar o thetan das limitações da mente reativa: o objetivo último é reabilitar a capacidade do thetan para que ele alcance um estado estável em que já não tenha uma mente reativa. Ele desloca-se da preocupação com o objetivo próximo e imediato da sua própria sobrevivência (a 1ª dinâmica) para um reconhecimento cada vez mais expandido das possibilidades de salvação, que ele identifica progressivamente com a família, associações, humanidade, mundo animal, universo, estados espirituais e infinito ou Deus. Assim, o objetivo último do thetan a funcionar através das oito dinâmicas é a consecução de algo como uma condição do tipo deus que os Scientologists referem como «OT Completo» ou «Estado Nativo».

VII.V. A SOTERIOLOGIA DE SCIENTOLOGY

Este esquema é em si uma soteriologia, uma doutrina de salvação. Se a condição final parece exceder a salvação normalmente pressuposta na religião cristã, isso é porque muitas vezes os soteriologistas tratam da salvação próxima e não da salvação última. O cristianismo também tem conceitos de homem como co-herdeiro com Cristo, embora a perspectiva mais limitada de a alma finalmente alcançar o céu frequentemente tenha satisfeito tanto a Igreja como o laicado. Mesmo assim, em alguns movimentos — o mormonismo é um exemplo — a ideia de o homem alcançar o estatuto de deus é expressamente reconhecida. Os termos em que a salvação é para ser realizada são diferentes em Scientology, mas a ideia de longo prazo de salvar a alma é facilmente reconhecida nos seus ensinamentos. Na sua prática, são enfatizados os fins práticos de recuperar a sanidade do indivíduo, curá-lo do seu sofrimento psíquico e ajudá-lo a superar a depressão, mas eles são justificados por referência à soteriologia delineada acima.

VII.VI. SEMELHANÇAS COM O BUDISMO E A ESCOLA SANKHYA

As mecânicas da vida caracterizadas por Scientology são consideravelmente semelhantes às abraçadas pelo budismo e também pela escola Sankhya do hinduísmo. A acumulação de um banco reativo na mente tem alguma semelhança com a ideia de karma. O conceito de vidas passadas tem muito em comum com as teorias da reencarnação em religiões orientais. A ideia de adquirir acesso a níveis de consciência é encontrada em ioga (a escola de ioga está intimamente relacionada com a de Sankhya) e acredita-se que o iogue é capaz de alcançar poder sobrenatural.

VII.VII. SALVAÇÃO COMO UMA POSSIBILIDADE GLOBAL E COMO UMA POSSIBILIDADE INDIVIDUAL

A perspectiva última de salvação para o thetan abarca a ideia de sobrevivência para a humanidade e para os universos animal e material, por meio de Scientology. Este elemento de preocupação com a sociedade e o cosmos existe com certeza em Scientology. A ideia de «aclarar o planeta» (produzindo «Clears» — as pessoas que ficam totalmente limpas da mente reativa) tem sido apresentada como um objetivo. Hubbard, no entanto, por vezes, mudou de ênfase e escreveu: «Scientology está interessada não em 'salvar o mundo', mas em tornar *indivíduos capazes* mais capazes por meio de abordagem tecnológica standard exata do indivíduo em si, que é o espírito.» [O *Carácter de Scientology*, 1968, p. 5.] Contudo, o que pode estar a ser enfatizado aqui é que a salvação do mundo está em si associada à salvação de thetans individuais — uma ênfase evangélica típica.

VII.VIII. MORALIDADE EM SCIENTOLOGY

Às vezes é sugerido que é uma característica de religião prescrever um código moral, apesar de as religiões variarem consideravelmente na medida em que se comprometem com um código de moralidade. Scientology começou com os objetivos gerais de aumentar o potencial do indivíduo. Na sua ênfase em liberdade, adotou para a moralidade uma abordagem mais permissiva do que a expressa pelas igrejas cristãs tradicionais. No entanto, desde uma exposição mesmo do início de Dianética, Hubbard tornou claro que o indivíduo era responsável pela suas próprias limitações, que um thetan era basicamente bom e que diminuía o seu próprio poder no caso se cometesse mais atos nocivos. A ênfase da audição é também em exigir que o indivíduo confronte problemas e tome responsabilidade pelo seu próprio bem-estar. Ele tem de reconhecer os «atos overt» (atos nocivos) que cometeu tanto na sua vida presente como nas suas vidas passadas.

Numa publicação importante, *Introdução à Ética de Scientology*, L. Ron Hubbard estabeleceu os padrões éticos requeridos de um Scientologist, e tornou claro que um compromisso com a ética era fundamental para a fé. O objetivo do indivíduo é a sobrevivência — isto é, sobrevivência em todas as oito dinâmicas, desde preocupação com o «eu» e a família até ao impulso para a existência como infinito, a chamada dinâmica de Deus [ver parágrafo VI.IX]. A sobrevivência, como conceito Scientológico, está de acordo com a preocupação geral de toda a religião — a salvação. Considera-se que uma ação ética é comportamento racional orientado para esse fim.

Assim Hubbard pôs ênfase na necessidade de o indivíduo aplicar padrões éticos à sua conduta e comportar-se racionalmente se quiser alcançar a sua própria salvação e facilitar a de toda a humanidade. Assim, de modo análogo ao compromisso egoísta do budista com boas ações como uma forma de melhorar o seu futuro karma, também o Scientologist é instruído para se comportar racionalmente — isto é, eticamente — a fim de obter sobrevivência, para si mesmo e para os grupos amplos abarcados pelas oito dinâmicas. Hubbard escreveu: «Ética é o conjunto de ações que o indivíduo aplica a si mesmo de forma a alcançar uma sobrevivência ótima para si e para os outros em todas as dinâmicas. As ações éticas são ações de sobrevivência. Sem o uso de ética nós não sobreviveremos.» [p. 19]. A sobrevivência não é mera sobrevivência. É antes sobrevivência numa condição feliz. «A sobrevivência é medida em prazer» [p. 31]. Assim, como no cristianismo, a salvação implica um estado de felicidade. Mas, «um coração limpo e mãos limpas são a única forma de alcançar a felicidade e sobrevivência» [p. 28], assim, na prática, alcançar a sobrevivência exige a manutenção de padrões morais. Hubbard escreveu: «Quanto aos ideais, quanto à honestidade, quanto ao amor pelo seu semelhante, a pessoa não pode obter uma boa sobrevivência para si mesma ou para muitos quando estas coisas estão ausentes» [p. 24]. Ética de Scientology inclui códigos morais, mas vai mais longe ao afirmar a essencial racionalidade da ética Scientológica, cuja aplicação é vista como a única maneira de a condição deteriorante da moralidade contemporânea e das atividades de personalidades antissociais poder ser reparada e a humanidade redimida.

Em 1981, Hubbard formulou um conjunto de preceitos morais, que se disse serem baseados no bom senso. Ele descreveu o livro em que eles foram apresentados como «um trabalho individual... não parte de nenhuma doutrina religiosa» e destinado a ser amplamente divulgado como uma solução para o declínio dos padrões morais da sociedade moderna; no entanto, os Scientologists adotaram este código moral como parte da religião. Este código ecoa em considerável medida tanto no Decálogo como noutros preceitos de moral cristã, expressos em linguagem moderna e com a adição de justificação social, funcional e pragmática para muitos dos princípios que são apresentados. O código interdiz assassinio, roubo, falsidade, todos os atos ilegais, infligir dano a pessoas de boa vontade, e inclui, *nomeadamente*, fidelidade a parceiros sexuais, respeito pelos pais, assistência aos filhos, moderação, apoio de governo justo, cumprimento de obrigações, respeito pelas crenças religiosas dos outros, cuidado da saúde e do ambiente, empenho e competência. Ele contém, em termos tanto negativos como positivos, uma versão da regra de ouro que é frequentemente apresentada em tradições cristãs como: «Não faças aos outros aquilo que não querias que os outros te fizessem a ti.» O folheto incita os seus leitores a oferecer exemplares a todas as pessoas cuja felicidade e sobrevivência interessa ao leitor.

VII.IX. OS ANTECEDENTES RELIGIOSOS DE SCIENTOLOGY

Apesar de vários elementos descritos acima que pertencem à religião, Scientology não foi inicialmente apresentada como religião. Mesmo quando, em 1954, três igrejas foram incorporadas para Scientology (com títulos um pouco diferentes), as implicações religiosas de Scientology não foram então completamente exploradas. No entanto, Hubbard afirmou que Scientology tinha objetivos religiosos. Ele escreveu: «Scientology alcançou o objetivo da religião expresso em toda a história escrita do Homem: a libertação da alma através da sabedoria. É uma religião muito mais intelectual do que a que o Ocidente conheceu até 1950. Se nós, sem terapia, simplesmente ensinássemos as nossas verdades, traríamos civilização a um ocidente bárbaro *Criação da Capacidade Humana*, p. 417]. Certamente, Hubbard considerava o cristianismo em alguns aspetos menos avançado que o budismo, referindo-se ao dia do juízo cristão como «... uma interpretação bárbara daquilo de que Gautama Buda estava a falar, a emancipação da alma do ciclo de nascimentos e mortes» [Conferências de *Phoenix*, 1968, pp. 29–30]. Scientology em si era uma religião «no sentido mais antigo e mais lato» [*ibidem*, p. 35]. Em *O Carácter de Scientology*, 1968, Hubbard reiterou alguns destes pontos anteriores e afirmou que os antecedentes de Scientology incluíam os Vedas, o Tao, Buda, os Hebreus e Jesus, bem como um grande número de filósofos. Scientology tinha «levado a primeira tecnologia religiosa a superar o atraso esmagador de negligência espiritual» [p. 10], e isto ele considerou que combinava a honestidade e precisão do Gautama Buda com a urgente praticabilidade produtiva de Henry Ford [p. 12]. Ele viu o auditor como alguém treinado na tecnologia de audição e o treino Scientológico como educação religiosa.

VII.X. L. RON HUBBARD COMO LÍDER RELIGIOSO

É muitas vezes reivindicado (pelos seguidores se não por eles mesmos) que os fundadores de movimentos religiosos são agentes especiais de revelação através de quem um ser supremo se expressa. Esta modo profético de liderança religiosa é característico de movimentos na tradição geral — judaico-cristã-islâmica, mas na tradição hindu-budista, o líder religioso é visto mais tipicamente como um mestre que beneficia os seus seguidores indicando-lhes o caminho para o esclarecimento que ele mesmo trilhou. Hubbard assemelha-se muito mais a este último modelo. Ele é representado como um professor que, em vez de lhe terem sido reveladas verdades religiosas, descobriu por meio de pesquisa científica factos que indicam certas práticas terapêuticas e um corpo de conhecimento metafísico que explica o ser mais alto do homem e o seu destino supremo. Trabalhos Scientológicos contemporâneos constroem uma imagem de L. Ron Hubbard, que é prontamente descrito como um génio, muito ao estilo das biografias eulogísticas produzidas para melhorar a reputação e aclamar a

experiência única de profetas, gurus e fundadores de movimentos religiosos [por exemplo, *O que É Scientology?* pp. 83–137]. Na tradição cristã, os líderes religiosos cujos papéis e reputações aclamadas mais intimamente se aproximam da de Hubbard em Scientology são Mary Baker Eddy, fundadora de Ciência Cristã, e os líderes dos vários movimentos do Pensamento Novo do fim do século XIX e início do século XX.

VII.XI. RELIGIÃO E ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Não é de modo nenhum necessário uma religião ou sistema religioso organizar-se como uma igreja. Os elementos espirituais dentro do esquema Scientológico estavam em evidência antes de o movimento ter registado organizações da igreja, e estes elementos, tomadas em conjunto, certamente justificam a designação do sistema de crença de Scientology como uma religião. Mas mesmo que a organização como uma igreja fosse o critério de uma religião, Scientology satisfaria este teste. A Igreja foi incorporada e um credo foi promulgado na década de 1950, e a forma de determinadas cerimónias foi prescrita. O Credo e as cerimónias formalizaram institucionalmente os compromissos implícitos no sistema de crença de Scientology. A estrutura eclesiástica de Scientology é hierárquica, refletindo o sistema gradual de aprendizagem e esclarecimento espiritual necessários para dominar os seus ensinamentos. As organizações de nível inferior são conduzidas como missões concebidas como agências evangelistas. As igrejas de escalão inferior empreendem o que pode ser designado como treino elementar de ministros conducente a ordenação, e servem congregações locais de «paroquianos». Este patamar de organização da igreja constitui o núcleo do sistema. Acima deste nível há escalões organizacionais da igreja mais altos dedicados a treino avançado de auditor e audição. As organizações de nível superior fornecem orientação a instituições de nível inferior. Análogo a esta estrutura, a Igreja desenvolveu um ministério voluntário de leigos que recebem formação para trabalho social e comunitário. O próprio ministério está hierarquicamente organizado, sendo cada grau marcado pela completação de cursos de treino certificados. Nos níveis inferiores de qualificação, os ministros voluntários realizam, *nomeadamente*, visitas a prisões e hospitais, enquanto os ministros de nível superior procuram, onde os números justificam, criar congregações de Scientologists. A estrutura eclesiástica formal geral tem alguma semelhança com a de denominações cristãs, sendo diferentes o ensino e a prática. O ministério voluntário tem algum paralelo com o diaconado laico da igreja anglicana e outras igrejas.

VII.XII. O CREDO DE SCIENTOLOGY

Numa obra, as *Cerimónias da Igreja Fundadora de Scientology*, 1966, foi explicado que «no serviço da Igreja de Scientology não usamos orações, atitudes de piedade ou ameaças de

condenação eterna. Nós usamos os factos, as verdades, as compreensões que foram descobertos na ciência de Scientology» [p. 7]. O Credo da Igreja de Scientology dedica muita atenção aos direitos humanos. Afirma a crença de que os homens foram criados iguais e têm direito às suas próprias práticas e atuações religiosas, às suas próprias vidas, sanidade, defesa e a «conceber, escolher, assistir ou apoiar as suas próprias organizações, igrejas e governos» e «a pensar livremente, a falar livremente, a escrever livremente as suas próprias opiniões...» Também afirma a crença de que «o estudo da mente e a cura de doenças com causas mentais não devem ser alienados da religião ou permitidos em campos não religiosos». É mantido «que o Homem é basicamente bom, que ele está a procurar sobreviver, que a sua sobrevivência depende dele próprio e dos seus companheiros e de alcançar irmandade com o universo». Também é afirmado que «... nós da Igreja acreditamos que as leis de Deus proíbem ao Homem destruir a sua própria espécie, destruir a sanidade de outrem, destruir ou escravizar a alma de outrem, destruir ou reduzir a sobrevivência dos seus companheiros ou grupo. E nós da Igreja acreditamos que o espírito pode ser salvo e que só o espírito pode salvar ou curar o corpo».

VII.XIII CERIMÓNIAS DE SCIENTOLOGY

As cerimónias de casamento e funeral prescritas para a Igreja, embora um pouco inconventionais, não se desviam radicalmente da prática geral da sociedade ocidental. A cerimónia de batismo, referida como batizar (dar o nome) está comprometida mais explicitamente com os princípios da crença Scientológica. O seu propósito é ajudar o thetan que recentemente obteve este corpo específico. Na altura em que obtém um novo corpo, acredita-se que o thetan não está consciente da sua identidade, e esta cerimónia de batismo é uma forma de ajudar o thetan a aprender a identidade do seu novo corpo, dos pais desse corpo, e dos padrinhos que vão ajudar o novo ser. Esta cerimónia é, por conseguinte, um tipo de processo de orientação, totalmente de acordo com a metafísica Scientológica.

VIII. CONCEITOS DE ADORAÇÃO E SALVAÇÃO

VIII. I ADORAÇÃO — UM CONCEITO EM MUDANÇA

As religiões teístas — entre elas o cristianismo tradicional — atribuem importância à adoração, que constitui a expressão formalizada de reverência e veneração de uma divindade, humildade, submissão a essa divindade, oração (comunicação com a divindade), proclamações em seu louvor, e ação de graças pelos seus benefícios. (Conceitos mais antigos de adoração também

envolvem sacrifício — animal ou humano — e atos de propiciação a uma divindade vingativa ou ciumenta. Mas os conceitos de adoração mudaram, e formas mais antigas de veneração, antes consideradas indispensáveis, agora seriam consideradas contra a lei. A ideia de adoração está a mudar no nosso tempo, tanto dentro das igrejas tradicionais como entre os novos movimentos.) O conceito tradicional de adoração geralmente está associado à postulação de uma divindade (ou divindades) ou a uma personagem que é o objeto de atitudes e ações de adoração. Esta definição de adoração, que está de acordo com as aplicadas em processos judiciais recentes em Inglaterra, baseia-se estreitamente no modelo da prática judaico-cristã-islâmica histórica. Como a evidência empírica torna claro, no entanto, a adoração neste sentido não ocorre em todas as religiões, e onde ocorre manifesta variações significativas, das quais são dados alguns exemplos abaixo.

VIII.II. VARIAÇÕES NA ADORAÇÃO — BUDISMO THERAVADA

Primeiro: O budismo Theravada — na sua forma pura — e algumas outras religiões assumem não uma divindade suprema, mas sim uma lei ou princípio supremo que não exige nem depende de reverência, louvor ou adoração de crentes. É geralmente aceite que uma divindade não é um *sine qua non* de religião, assim — se é para reter o conceito — deve ser adotada uma definição de adoração mais ampla do que a prevista na tradição cristã.

VIII.III. VARIAÇÕES NA ADORAÇÃO — BUDISMO NICHIREN

Segundo: existem movimentos religiosos, encontrados por exemplo no budismo Nichiren, que negam seres supremos mas que requerem adoração de um objeto. Os budistas Soka Gakkai, um movimento que tem cerca de 15 milhões de seguidores, com cerca de seis mil em Inglaterra, venera o Gohonzon, uma mandala onde estão inscritos os símbolos ou fórmulas vitais da verdade suprema. Ao adorar o Gohonzon, estes budistas esperam obter bênçãos. Assim, pode ocorrer algo semelhante ao conceito de adoração compreendido em contextos cristãos mesmo quando um ser supremo é explicitamente negado.

VIII.IV. VARIAÇÕES NA ADORAÇÃO — QUAKERS

Terceiro: mesmo na vasta tradição cristã, atitudes de reverência e humildade não precisam de implicar formas específicas de comportamento como as observadas em serviços ortodoxos, católicos romanos ou da alta igreja anglicana em que os crentes podem curvar-se, ajoelhar-se ou prostrar-se, pronunciar palavras de louvor, dar graças, glorificar e, por meio de súplica,

procuram obter bênçãos em troca. Dentro do cristianismo há muitos movimentos que seguem práticas diferentes: Os quakers fornecem um exemplo convincente. Os quakers reúnem-se num espírito de reverência, mas não se dedicam a atos formais de adoração tais como orações fixas ou faladas, cântico de hinos ou entoação de salmos. Muitas vezes conduzem toda a sua reunião em silêncio.

VIII.V. VARIAÇÕES NA ADORAÇÃO — CIÊNCIA CRISTÃ

Quarto: dentro do cristianismo, tem havido tendência tanto dentro das antigas igrejas estabelecidas como numa variedade de grupos relativamente recentes para a ideia de Deus ser expressa em termos cada vez mais abstratos. Desde que alguns grandes teólogos modernos redefiniram conceitos de Deus, muitas vezes eliminando a ideia de Deus como uma pessoa, (ver acima, parag. IV.III.) os conceitos mais antigos de adoração parecem anacrônicos a algumas pessoas. Sondagens mostram que uma proporção sempre crescente de pessoas que acreditam em Deus no entanto não acreditam que Deus seja uma pessoa, antes afirmam que Deus é uma força. Em movimentos religiosos aparecidos recentemente, por vezes há formas de «adoração» adaptadas a estas noções abstratas mais modernas de divindade. Um exemplo é a Ciência Cristã. Visto que esse movimento, que antecede Scientology em mais de 70 anos, tem muitas características em comum com Scientology, e visto que a Ciência Cristã é reconhecida como uma religião há muito tempo, a atitude da adoração nesse movimento é explorada de forma mais completa. Na Ciência Cristã, Deus é definido como «Princípio», «Vida», «Verdade», «Amor», «Mente», «Espírito», «Alma». Estas abstrações impessoais não requerem manifestações de submissão e veneração, e a tais disposições é concedida apenas expressão limitada nos serviços da igreja Ciência Cristã. As opiniões de Mary Baker Eddy (fundadora da Ciência Cristã) sobre adoração são representados nestas citações do seu livro de texto, *Science and Health with Key to the Scriptures* (Ciência e Saúde com a Chave para as Escrituras):

«A oração audível nunca pode substituir a compreensão espiritual... Longas orações, superstições e credos, cortam as fortes rémiges de amor e vestem a religião de formas humanas. Qualquer coisa que materialize a adoração impede o crescimento espiritual do homem e impede-o de demonstrar o seu poder sobre o erro.» [pp. 4–5]

«Tu “Amas o teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma e com todo o teu espírito”? Este comando inclui muito, mesmo o abandono de toda a sensação, afeição, e adoração meramente materiais.» [p. 9]

«A história de Jesus criou um novo calendário a que chamamos era cristã, mas ele não estabeleceu nenhuma adoração ritualista.» [p. 20]

«É triste que a frase serviço divino tenha chegado tão geralmente a significar adoração pública em vez de ações diárias.» [p. 40]

«Nós veneramos espiritualmente apenas quando deixamos de adorar materialmente. A devoção espiritual é a alma do cristianismo. Adorar por meio de matéria é paganismo. Os rituais judaicos e outros são os tipos e sombras de adoração verdadeira.» [p. 140]

«Os israelitas centraram o seu pensamento no material na sua tentativa de adoração do espiritual. Para eles a matéria era uma substância e o Espírito era sombra. Eles pensavam adorar o Espírito de um ponto de vista material, mas isto era impossível. Eles podem apelar a Jeová mas a sua oração não trouxe nenhuma prova de que foi ouvida porque eles não compreendem Deus suficientemente para serem capazes de demonstrar o seu poder de curar.» [p. 351]

Embora os cientistas cristãos usem o Pai Nosso congregacionalmente, essa oração é traduzida num número de afirmações de acordo com os ensinamentos de Eddy. Oração silenciosa na Ciência Cristã é afirmação de «verdades», não súplica, Deus é um «Princípio» para ser demonstrado, não um «Ser» para ser aplacado ou propiciado. Daí que adoração na Ciência Cristã seja diferente em forma, disposição e expressão de adoração em igrejas tradicionais.

VIII.VI. ADORAÇÃO DEFINIDA PELOS SEUS OBJETIVOS, NÃO PELAS SUAS FORMAS

Os comentários precedentes sobre as variações de adoração — se é para considerar todas as provas empíricas apropriadas — indicam a necessidade de uma definição de adoração muito mais ampla do que a que se limita às pretensões de uma tradição específica e depende delas. As formas tradicionais em igrejas cristãs não esgotam todas as variantes como a adoração pode ocorrer e de facto ocorre (mesmo dentro de igrejas cristãs). É preciso fazer distinção entre as formas exteriores de adoração (que podem ser particulares, locais, regionais ou nacionais) e os objetivos da adoração que podemos apresentar como universais. O objetivo da adoração é

estabelecer comunicação entre o devoto e o (ser, objeto, lei, princípio, dimensão, «essência de ser,» ou «preocupação») sobrenatural supremo como quer que esse supremo seja concebido pelo corpo religioso a que o devoto pertence, com vista à sua realização final de salvação ou esclarecimento. Enfatizar que a característica definidora de adoração define reside no seu propósito torna evidente a relatividade cultural das várias formas que a adoração assume. Logo que a adoração seja definida por referência aos seus objetivos, podemos compreender diversos conceitos do supremo, que vão desde ídolos até leis transcendentais. Deste modo, o ídolo é adorado como uma entidade déspota que confere favores ou inflige danos; a adoração de uma divindade antropomórfica enfatiza antes uma relação, de confiança, mas também de dependência; a adoração de conceitos mais sofisticados de um ser supremo coloca menos ênfase na volatilidade emocional da divindade, e enfatiza a busca de harmonia de disposições de acordo com princípios éticos mais gerais; a adoração de uma verdade, lei, ou dimensão suprema inteiramente abstrata tende a preocupar-se com a difusão de conhecimento, a obtenção de esclarecimento e a realização de total potencial humano. Todos esses objetivos especificados de diversas maneiras podem ser vistos como parte da busca do homem pela salvação, por mais diferentemente que a salvação possa ser concebida. A reverência pelo supremo, pela «essência de ser» do homem, seja qual for a sua representação, é um atributo geral do respeito e preocupação pela vida, que não depende de formas ou normas comportamentais específicas ligadas à cultura.

VIII.VII. O DECLÍNIO DO MODO POÉTICO DE ADORAÇÃO

Em sociedades multirreligiosas, o conceito do que constitui adoração tem de ser expresso em termos abstratos se se quiser que a diversidade de religião seja devidamente reconhecida. As tendências recentes e continuadas em religião vão na direção de expressão abstrata e mais prontamente universalizada. Isto é verdade não só dos principais teólogos e entre o clero, mas também é evidente entre muitos movimentos religiosos novos. Numa era científica e tecnológica, o conceito que os homens têm de divindade, ou de supremo, tende a ser compreendido em termos que estão eles mesmos mais de acordo com experiência científica e técnica, embora este tipo de linguagem e conceptualização contraste com a imagística poética tradicional que em tempos foi típica de expressão religiosa. O modo poético é firmemente abandonado não só em movimentos novos, mas também nas chamadas igrejas tradicionais, como se pode ver pelas reformas litúrgicas na Igreja Católica Romana a partir do Vaticano II e na substituição do Livro de Oração Comum na Igreja de Inglaterra por formas de expressão mais prosaicas, vernáculas e coloquiais. Fora destas igrejas, nos movimentos sem a obrigação sequer de vestígios de respeito pela tradição, a criação de nova linguagem e novas formas litúrgicas tem desfrutado de ainda mais liberdade. Entre estes movimentos encontra-se Scientology.

VIII.VIII. COMUNICAÇÃO COMO ADORAÇÃO

Scientology apresenta um conceito completamente abstrato do Ser Supremo, como a Oitava Dinâmica. Os Scientologists procuram expandir a sua consciência e compreensão para abranger todas as dimensões de ser, com o objetivo de ajudar e ser parte da sobrevivência do Ser Supremo ou Infinito. Os Scientologists veneram vida, e reconhecem Deus como uma suprema essência de ser, mas este reconhecimento não implica formas específicas de comportamento que se aproximem minimamente dos atos que são considerados «adoração» nas igrejas cristãs tradicionais. Scientology é um movimento que incorpora pessoas de origens religiosa diversas, que enfatiza novos conceitos de criação, o significado de vida e salvação, e os seus ensinamentos inspiram-se em mais do que uma das grandes tradições religiosas bem como em amplas orientações científicas. Por conseguinte é totalmente apropriado que Scientology apresente as suas teorias em termos abstratos e universais, e o seu conceito de adoração acomoda estas perspetivas. A posição geral é expressa como se segue: «Em Scientology, nós definimos adoração em termos de comunicação. Quem poderia adorar eficazmente seria a pessoa que se considera capaz de alcançar a distância necessária para comunicar com o Ser Supremo» [*Scientology como Uma Religião*, p. 30].

A essência de Scientology é compreensão através de comunicação — comunicação com o passado do próprio thetan e com o ambiente, e nesse sentido pode ser semelhante à comunicação que ocorre na adoração cristã, com a comunicação que o indivíduo tenta obter com a divindade em oração e no serviço eucarístico, quando, de facto, ele se comporta, como as igrejas tradicionais dizem, como um «comungante». O propósito é em grande parte o mesmo — a purificação do indivíduo, a reabilitação da sua alma como parte do processo mais prolongado de salvação. Em Scientology há duas formas fundamentais dessa comunicação — audição e treino.

A audição, que ocorre como comunicação privada do indivíduo com o seu passado (do seu thetan), é mediada pelo auditor e o E-Metro, mas é essencialmente um processo para levar o indivíduo a uma relação harmoniosa com o seu «eu» verdadeiro e original, e neste sentido procura pô-lo em contacto com uma realidade espiritual básica.

Treino nas Escrituras de Scientology é comunicação com as verdades fundamentais e essência da existência. Através de compreensão aumentada o indivíduo procura obter mais comunicação com o seu «eu» básico, com os outros e com toda a vida. Estas atividades, compartilham elementos característicos de adoração, mesmo que aspetos como a adoração (de uma divindade), preocupação antiquada pela sua propiciação e procedimentos antigos de súplica estejam ultrapassados neste contexto moderno.

VIII.IX. O OBJETIVO DE SOBREVIVÊNCIA DE SCIENTOLOGY

A palavra-chave que revela o propósito dos serviços que são realizados numa capela de Scientology é «sobrevivência», um conceito recorrentemente enfatizado na literatura Scientológica. «Sobrevivência» é, no entanto, meramente um sinónimo moderno do velho conceito religioso, «salvação», e a salvação é o objetivo primário de adoração em todas as religiões, o estabelecimento de uma relação harmoniosa entre a divindade poderosa e o devoto dependente que terá como resultado a diminuição ou eliminação de experiências infelizes e más, e a multiplicação de benefícios que culminam no benefício final de vida continuada. Scientology está preocupada com a salvação do thetan, a sua libertação dos impedimentos de matéria, energia, espaço e tempo, e, no caso mais aproximado, com a sua capacidade de superar incapacidades corporais e as vicissitudes da vida diária. O thetan, como a essência trans-humana, ou alma, existia antes do corpo físico e tem possibilidade de lhe sobreviver. Essa sobrevivência em última análise está ligada à sobrevivência da Oitava Dinâmica, o Ser Supremo, e aos serviços de audição e treino de Scientology para aumentar a consciência desta realidade última. Desta maneira a prática é uma ocasião para os participantes renovarem e reforçarem o seu reconhecimento do sobrenatural. No sentido amplo que exploramos acima, trata-se de uma ocasião para adoração e esclarecimento.

VIII.X. AUDIÇÃO E TREINO

As atividades principais de Scientology são audição e treino. Estas são os meios de salvação espiritual. Só por estes meios é que o thetan — isto é, o indivíduo — pode ser liberado e alcançar o estado espiritual de ser «causa» sobre a vida e o mundo material. A audição, na qual o indivíduo confronta a sua própria dor e traumas do passado, ajuda-o a estabelecer controlo da sua vida e liberta-o dos impulsos irracionais da mente reativa. Assim, pode dizer-se que o preclear, ao ser auditado, está a embarcar numa busca espiritual pela salvação, cujos benefícios são aumentados gradualmente, e que conduzem finalmente a uma condição em que o thetan deixa de estar «enturbulado» com condições materiais (MEST). Tal busca espiritual, com a salvação como o seu fim supremo, por mais divergentes que possam ser as formas e especificações doutrinárias exteriores, é a preocupação central predominante de todas as religiões avançadas do mundo.

O treino é orientado para comunicar sabedoria a qualquer pessoa que esteja a procurar o esclarecimento, bem como para aqueles que se dedicam a ajudar outros nos seus esforços para alcançar a salvação. Implícita nestes processos está a exigência que o indivíduo tem de

enfrentar as suas experiências dolorosas do passado e ultrapassar a tendência para culpar outros pelas suas próprias falhas. O treino para este fim é realizado através de uma série de cursos hierarquicamente graduados, nos quais o estudante aprende e aperfeiçoa as técnicas de audição que, logo que o padrão adequado seja alcançado, se acredita ser de aplicação eficaz a qualquer preclar. O treino está organizado como um programa intensivo, e qualquer pessoa que tenha presenciado a dedicação concentrada daquelas que estão a fazer os cursos de treino, como eu presenciei em visitas à Igreja de Scientology em Saint Hill Manor, só poderia ficar impressionado com a pertinácia e seriedade de propósito uniformemente manifestado pelos estudantes, o que é um compromisso religioso, é claro.

VIII.XI. O ERRO DE SEGERDAL

Scientology é uma religião cuja organização não segue essencialmente o modelo congregacional tradicional. Numa altura em que, perante a revolução contemporânea de comunicações, as igrejas estabelecidas estão a começar a reconhecer as limitações de estruturas congregacionais e a experimentar outros padrões de culto, a Scientology já desenvolveu um procedimento novo e mais intensivo de entrega espiritual. A relação de um para um requerida pela audição e o sistema intensivo de treino de auditores constitui um padrão de cuidado pelo progresso espiritual de cada indivíduo específico cuja preocupação pastoral excede em muito qualquer coisa que possa ser oferecida por formas convencionais de ministério congregacional.

Ao contrário da compreensão comum, o estatuto das práticas de Scientology como adoração ainda tem de ser abordado nos tribunais. Num caso inicial, *Regina v. Registador-Geral Ex parte Segerdal e Outro*, 1970, a questão central era se um edifício que a Igreja de Scientology tinha em East Grinstead se qualificava como um «local de reunião para adoração religiosa» com base em que os serviços que a Igreja lá realizava seguiam os critérios que foram considerados para determinar o que constituía a adoração. Estes serviços consistiam em cerimónias semanais, tais como sermões e outras reuniões, batizados, serviços fúnebres e cerimónias de casamento. Embora neste caso o Lord Denning tenha decidido que estes serviços em particular não constituíam adoração, de facto o núcleo da prática religiosa na Igreja de Scientology está nos procedimentos de audição e treino. Para os Scientologists, é nestas atividades que ocorre adoração — como comunicação com realidade espiritual — não nos serviços abordados pelo Tribunal em Segerdal. É claro que estas atividades de adoração podem não seguir o modelo invocado pelos tribunais que têm a adoração cristã em mente, visto que não é reverência a uma divindade mas é adoração na compreensão dos seus praticantes.

É evidente pelo que foi sugerido acima (Parags. VIII.I-VIII.VI) que de modo nenhum todas as religiões postulam um ser supremo. No caso Segerdal, o Lord Denning referiu-se ao budismo como uma exceção do princípio que ele adotou, e disse que poderia haver outras exceções. Porque é que Scientology não deve ser uma delas? Se há exceções, não será o princípio em si posto em causa e a definição que é usada anulada dessa forma? A tendência para voltar, apesar da discussão de exceções, à ênfase num Ser Supremo como um elemento necessário em adoração, indica a medida em que suposições culturalmente condicionadas persistem apesar de prova contrária de outras culturas. De facto, é claro que Scientology reconhece um Ser Supremo, mas concebe essa entidade como algo que não pode facilmente ser apreendido e com o qual, comunicação, neste estádio do esclarecimento humano, é uma coisa rara. Assim, embora Scientology postule um Ser Supremo, não se presume que os homens possam normalmente reivindicar conhecimento íntimo desse Ser. Isto por si só indica uma forma de humildade, que às vezes falta em religiões em que os indivíduos são encorajados a fazer reivindicações mais ousadas de saber a vontade e o pensamento de Deus.

Tendo em vista esta percepção limitada do Ser Supremo, as atitudes de dependência, familiares no cristianismo, juntamente com súplica, veneração, louvor e intercessão tornam-se inapropriadas. Elas não seriam menos apropriadas para os cristãos que endossaram as fórmulas que definem o Ser Supremo avançadas pelos teólogos (ver Parag. IV.II). Reverência não falta entre os Scientologists, que tomam a criação em si como um objeto de reverência, mas sem um Deus concebido em termos antropomórficos, os elementos e forma de adoração encontrados na tradição judaico-cristã tornam-se inaplicáveis. Quando se vê que a essência de adoração é o seu propósito e objetivos, em vez das suas formas exteriores, não é difícil admitir as práticas Scientológicas como uma forma de adoração.

IX. A AVALIAÇÃO DE SCIENTOLOGY POR ACADÉMICOS

IX.I. AVALIAÇÕES ACADÉMICAS DE O QUE CONSTITUI RELIGIÃO

A avaliação académica do que constitui religião é, em última análise, baseada em observação do comportamento humano: os fenómenos observáveis fornecem a evidência empírica apropriada ao determinar os indícios de religião como ela é praticada. O desenvolvimento de disciplinas académicas que estão comprometidas com objetividade, desapego e neutralidade ética, e o declínio da influência de abordagens normativas (tipicamente encontradas em Teologia) proporcionou novas bases para a avaliação do que constitui religião.

IX.II. O ESTATUTO RELIGIOSO DE SCIENTOLOGY AVALIADO POR ACADÉMICOS

Os sociólogos acadêmicos, em cujo campo cai o estudo objetivo de movimentos religiosos, geralmente reconhecem Scientology como uma religião. Um ensaio sobre Scientology está incluído em *Religious Movements in Contemporary America (Movimentos Religiosos na América Contemporânea)* editado por Irving I. Zaretsky e Mark P. Leone, (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1973), em que o autor refere sem dúvida Scientology como uma religião. Num trabalho editado pelo sociólogo britânico, Eileen Barker, *Of Gods and Men: New Religious Movements in the West (De Deuses e Homens: Novos Movimentos Religiosos no Ocidente)*, (Macon, Georgia: Mercer University Press, 1983), Scientology é discutido facilmente como uma religião em três de quatro artigos que dão atenção a este movimento em particular. Na quarto artigo (*Participation Rates in New Religious and Para-religious Movements (As Taxas de Participação em Novos Movimentos Religiosos e Para-religiosos)*), por Frederick Bird e William Reimer da Universidade de Concordia, Montreal), Scientology é referida *de passagem* como um novo movimento de terapia e, implicitamente, como movimento para-religioso. No entanto, os autores dizem de Scientology e de alguns outros grupos que eles tinham sido incluídos «porque no seu simbolismo e ritual, em formas notavelmente semelhantes, eles procuram criar um reservatório de poder sagrado dentro de cada pessoa...» (p. 218). Noutro trabalho, também editado por Eileen Barker, *New Religious Movements: A Perspective for Understanding Society (Novos Movimentos Religiosos: Uma Perspetiva para Compreender a Sociedade)*, (Nova Iorque: Edwin Mellen Press, 1982), a Scientology é mencionada apenas brevemente por alguns dos vários autores, mas em lugar nenhum há alguma sugestão de que Scientology seja outra coisa que não um movimento religioso, e ela está incluída no glossário de Novos Movimentos Religiosos no fim do volume.

Num curto estudo dedicado ao sectarismo pelo presente escritor, [Bryan Wilson, *Religious Sects (Seitas Religiosas)*, (Londres: Weidenfeld, e Nova Iorque, MacGraw Hill, 1970)] que apresentava uma classificação de tipos de seita, Scientology foi incluída: considere-a (e ainda considero) um corpo inquestionavelmente religioso. Nesse trabalho, Scientology foi classificada como semelhante em tipo sociológico à Ciência Cristã, Teosofia, Sociedade Aetherius, e vários movimentos do Novo Pensamento (tais como a Igreja da Ciência Religiosa, a Escola Unidade do Cristianismo, e Ciência Divina).

Em 1990, publiquei um livro, *The Social Dimensions of Sectarianism (As Dimensões Sociais do Sectarismo)*, (The Oxford: Clarendon Press), uma coleção de estudos de várias seitas e novos movimentos religiosos. Um capítulo, intitulado «Scientology: Uma Religião Secularizada», foi

especificamente dedicado à questão de se Scientology poderia ser considerada uma religião e concluí que Scientology devia realmente ser reconhecida como uma religião, e uma religião que abraçava conceitos e preceitos que eram congruentes com a sociedade contemporânea secularizada e racionalizada.

Estudos sociológicos mais recentes adotam a mesma posição. Assim, o Dr. Peter Clarke, Diretor do Centro de Novas Religiões em King's College, Londres, ao avaliar o tamanho e crescimento de novos movimentos religiosos na Europa, no seu livro *The New Evangelists (Os Novos Evangelistas)* (Londres: Ethnographica, 1987), não hesita em incluir Scientology como uma religião. No seu livro, *Cult Controversies: Societal Responses to the New Religious Movements, (Controvérsias de Culto: Respostas Sociais para os Novos Movimentos Religiosos)*, (Londres: Tavistock, 1985), professor James A. Beckford, Professor de Sociologia na Universidade de Warwick, emprega — como um gesto para preconceitos públicos — o termo «seita», mas só depois de ter repudiado quaisquer ligações pejorativas. Mais importante, no entanto, é o facto de que, sem qualquer qualificação, ele reconhece que Scientology é uma religião. Ele escreve (p. 12), «Os sociólogos estão em desacordo quanto à designação apropriada para grupos religiosos como a Igreja da Unificação, Scientology, os Filhos de Deus, e a Sociedade Internacional de Consciência de Krishna... «Esse desacordo é relativo a se esses movimentos devem ser designados como seitas, cultos, ou simplesmente como novos movimentos religiosos — mas quanto a todos serem religiões, a discussão Beckford não deixa dúvida nenhuma ao leitor. O mais autoritário de todos, a Professora Eileen Barker da London School of Economics, fundadora e antiga Diretora de INFORM (Rede de Informação sobre Novos Movimentos Religiosos), uma organização financeiramente apoiada diretamente pelo Ministério do Interior, escreveu um livro *New Religious Movements: A Practical Introduction (Novos Movimentos Religiosos: Uma Introdução Prática)* (Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1989) especificamente com a intenção de fornecer ao público (e especialmente aos familiares de convertidos) informações precisas sobre novas religiões e como lidar com elas. Nesse trabalho, ela dá por certo que Scientology faz parte da matéria dela como uma religião (p. 147) e inclui a Igreja de Scientology num apêndice em que são descritos uns vinte e sete novos movimentos religiosos.

IX.III. SCIENTOLOGY É UMA RELIGIÃO? — PROFESSOR FLINN

Numa coleção de artigos eruditos editados pelo sociólogo jesuíta, Professor Joseph H. Fichter, S.J., da Loyola University, New Orleans, (*Alternatives to American Mainline Churches (Alternativas às Principais Igrejas Americanas)*, Nova Iorque: Rose of Sharon Press, 1983), Frank K. Flinn, agora Professor Adjunto de Estudos Religiosos na Universidade de Washington,

St. Louis, Missouri, aborda diretamente a questão do estatuto religioso de Scientology em grande detalhe. Ele considera primeiro o estatuto religioso de Dianética:

«Muitos comentadores afirmam que Scientology é terapia mental mascarada de religião. O cerne da questão, contudo, é se a pessoa pode separar terapia de religião ou mesmo de filosofia por uma regra inflexível. A palavra *therapeuo* (curar, cura, restaurar) ocorre frequentemente no Novo Testamento, e refere-se a curas tanto espirituais como físicas por Jesus de Nazaré...

«Embora tivesse tendências religiosas e espirituais, Dianética ainda não era uma religião em todo o sentido do termo... Dianética não prometeu aquilo a que se pode chamar recompensas “transcendentais” como o resultado normal da sua terapia. No entanto, prometeu recompensa “trans-normal”... Em segundo lugar, no estágio de Dianética do movimento, foram rastreados engramas até ao estágio de feto, pelo menos... Em terceiro lugar, Dianética tinha apenas quatro “Dinâmicas” ou “impulsos para a sobrevivência” — a própria pessoa, sexo, grupo e Humanidade... Em quarto lugar, as técnicas de audição no estágio Dianética [não usavam] o “E-Metro”.

«Tem havido muita debate sobre quando Scientology começou a ser uma religião. Podemos apontar para a constituição da Associação Hubbard de Scientologists em Phoenix, Arizona, em 1952, e depois para o estabelecimento da Igreja Fundadora de Scientology em 1954. A constituição legal, no entanto, não nos diz quando os conceitos especificamente religiosos tomaram forma na compreensão da própria igreja. Estes debates, no entanto, lembram as controvérsias do século XIX sobre quando o cristianismo começou: durante a vida de Jesus? no Pentecostes? durante o ministério de Paulo e os Apóstolos?» (pp. 96–7)

Flinn depois considera os quatro fatores acima na transição de Dianética para Scientology, notando que o primeiro fator, a mudança para objetivos transcendentais, é marcado pela mudança do objetivo de «Clear» para o objetivo de estabelecer o «Thetan Operante», e acrescenta: «O conceito de «thetan» já não se refere a um estado mental mas é análogo ao conceito cristão de «espírito» ou «alma» que é imortal e está acima tanto do cérebro como da mente.» (p. 98) Segundo, os engramas eram agora relacionados com vidas passadas. Terceiro, novas dinâmicas foram adicionados para incluir a sobrevivência de animais, o universo material, o espírito e o infinito. E quarto, o E-Metro foi introduzido, e desse ele diz:

«Da perspectiva que estou a sugerir, ... é melhor ver o uso do E-Metro como um “sacramento tecnológico”. Assim como os cristãos definem um sacramento (e.g., batismo) como um sinal exterior e visível de graça interior e invisível», também os Scientologists veem o E-Metro como um indicador exterior e visível de um estado interior e invisível (“Clear”).» (p. 99)

Flinn acrescenta este comentário adicional:

«A palavra religião é derivada de *religare* que significa «unir de novo». Isto leva-me para a definição geral de religião como um sistema de crenças expressas em símbolos que une as vidas de indivíduos e/ou grupos, que resulta num conjunto de práticas religiosas (rituais), e que é sustentada por um modo de vida organizado. As crenças, práticas e modos de vida unem a vida das pessoas de modo a dar significado supremo à sua existência. Embora todas as religiões tenham elementos rudimentares de todos os três aspetos, algumas, por exemplo, enfatizam o sistema organizacional ou modo de vida acima do sistema de crença ou das práticas rituais. Em Scientology, nós vemos um exemplo de um grupo que começou com práticas religiosas (as técnicas de audição), logo desenvolveu uma forte estrutura eclesiástica, e só então formalizou o seu sistema de crença num credo. Isto não quer dizer que o sistema de crença não estava latente nas fases anteriores de evolução da igreja. Ele simplesmente não estava codificado na maneira formal como a tecnologia organizacional estava desde o início.» (pp. 104–5)

Em «forte estrutura eclesiástica», Flinn faz alusão à organização geral de Scientology, ao seu sistema de cursos e procedimentos de audição hierarquicamente organizados.

X. SCIENTOLOGY E OUTRAS FÉS

X.I. ALGUMAS SEMELHANÇAS DE SCIENTOLOGY E OUTRAS FÉS

Scientology difere radicalmente das igrejas cristãs tradicionais e seitas discordantes em questões de ideologia, prática e organização. No entanto, tomando o ponto de vista geral que deve prevalecer numa sociedade multicultural e multirreligiosa, é evidente que em todos os pontos essenciais, Scientology ocupa uma posição muito próxima da de outros movimentos que são indiscutivelmente religiões. Ideologicamente, tem importantes semelhanças com a escola Sankhya do hinduísmo. Nas suas atividades congregacionais, que são, no entanto, muito menos centrais do que do que acontece com movimentos inconformistas, existem no

entanto pontos de ênfase que não são diferentes dos de alguns corpos inconformistas. Os seus objetivos soteriológicos são enfaticamente metafísicos, e em alguns aspetos assemelham-se aos da Ciência Cristã.

X.II. FILIAÇÃO DUAL

Uma característica distintiva de Scientology é que não requer que os membros abandonem outras crenças e afiliações religiosas quando abraçam Scientology. Pode inferir-se desta característica que Scientology se contentou com ser um conjunto de crenças e práticas meramente adicional ou suplementar, porém uma tal inferência seria injustificada. Falei com altos funcionários da igreja, bem como com Scientologists individuais sobre este aspeto de Scientology e a resposta deles foi que, enquanto não seja necessária, a exclusividade ocorre como uma questão de prática. De acordo com eles, à medida que se envolve mais com Scientology, a pessoa inevitavelmente põe de lado a sua fé prévia. Por exemplo, a minha experiência é que um judeu que se torna um Scientologist poderá permanecer afiliado no judaísmo por razões culturais e poderá celebrar dias santos judeus com a família e amigos, mas ele não praticaria e não acreditaria em teologia judaica. Do meu ponto de vista como erudito esta explicação parece correta. Os Scientologists encaram a sua fé como uma religião completa que exige dedicação dos seus membros.

Além disso, embora seja uma característica da tradição judaico-cristã-muçulmana que o compromisso religioso é exclusivo e que a filiação dupla ou múltipla não é tolerada, este princípio está longe de ser universal entre as religiões. Isso não é exigido na maioria dos ramos do hinduísmo e do budismo. O Buda não proibiu a adoração de deuses locais. O hinduísmo é tolerante com respeito a lealdades plurais. No Japão, um grande número de pessoas consideram-se tanto budistas como xintoístas. A simbiose de religiões é um fenómeno bastante conhecido e em certos aspetos ocorreu no cristianismo (por exemplo, na tolerância do espiritismo ou pentecostalismo por certos bispos anglicanos, mesmo que estes sistemas de crença não tenham sido especificamente acomodados pela doutrina oficial). O facto de Scientology adotar a respeito de afiliações duais ou múltiplas uma posição diferente do conservadorismo assumido no cristianismo ocidental não é uma razão válida para lhe negar o estatuto de religião.

X.III. ELEMENTOS EXOTÉRICOS E ESOTÉRICOS DE SCIENTOLOGY

A imagem pública de Scientology não satisfaz os estereótipos gerais de religião. A sua literatura pode ser dividido em literatura exotérica com ampla circulação, e literatura esotérica. A literatura exotérica diz respeito principalmente aos princípios básicos da metafísica de

Scientology e sua aplicação prática em ajudar as pessoas a lidar com os seus problemas de comunicação, relacionamentos, e a manutenção de orientações inteligentes, racionais e positivas para a vida. A coleção restrita de literatura esotérica, que está à disposição só de estudantes avançados de Scientology, apresenta uma exposição mais ampla da metafísica da religião e também técnicas de audição mais avançadas. Apresenta com mais detalhe a teoria do theta (pensamento primordial de espírito), a sua deterioração ao envolver-se no universo material de matéria, energia, espaço e tempo no processo de vidas passadas, e indica a forma de o homem poder adquirir — mais rigorosamente, recuperar — capacidades sobrenaturais. Só os Scientologists que estão bem avançados são consideradas capazes de compreender a importância desta exposição do sistema de crença e de compreender integralmente os níveis mais elevados de procedimentos de audição expostos na literatura esotérica.

Ao diferenciar entre ensinamentos exotéricos e esotéricos, Scientology não é de modo nenhum caso único entre as religiões. Sobre o princípio enunciado por Jesus «Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora» (João 16:12) e por Paulo ao distinguir entre alimento sólido para crentes experientes e leite para crianças (I Cor. 3:1 a 3, e Hebreus 5:12-14), vários movimentos cristãos têm mantido uma distinção entre doutrinas e práticas elementares e avançadas. O tradição gnóstica geral nas orlas do cristianismo estava explicitamente comprometida com a preservação de doutrinas esotéricas, e movimentos contemporâneos por vezes categorizados pelos eruditos como seitas do «tipo gnóstico» normalmente fazem tais distinções. Um exemplo é a Ciência Cristã, cujos ensinamentos gerais são ampliados por assuntos de conteúdo confidencial ensinados àqueles que aspiram a tornar-se praticantes reconhecidos por professores designados em classes especiais. Para além destes casos, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias admite às suas cerimónias especiais apenas aqueles mórmones que estejam em bons termos e recebam uma autorização do seu bispo: isso indica, *nomeadamente*, que eles têm estado a cumprir o seu compromisso de entrega à igreja do dízimo dos seus ganhos: nenhuns outros são autorizados a ver estes rituais. Perto da corrente protestante dominante, muitas vezes os pentecostais revelam o significado completo do seu ensinamento e prática dos «dons do Espírito» só em serviços designados e não nas reuniões concebidas para atrair público não pentecostal. A justificação dessa diferenciação é também um princípio educativo — o material avançado está disponível só para aquelas pessoas que tiveram instrução anterior e mais elementar que lhes permite assimilar níveis mais elevados de instrução. Esta é a posição tomada por Scientology, cujos ensinamentos requerem empenho concentrado e sistematizado dos estudantes.

XI. INDÍCIOS DE RELIGIÃO APLICADOS A SCIENTOLOGY

XI.I A ELIMINAÇÃO DE PRECONCEITOS CULTURAIS

Há várias dificuldades distintas na avaliação de novos movimentos religiosos. Uma é que, na maioria das sociedades, há pressupostos não declarados sobre a religião que premeiam a antiguidade e tradição. O uso e expressão religiosa é frequentemente legitimado por referência específica a tradição. A inovação em matéria de religião não é facilmente promovida ou aceite. Um segundo problema é a forte postura normativa da ortodoxia (particularmente na tradição judaico-cristã — islâmica) que proscreve desvios e que usa uma linguagem fortemente pejorativa para os descrever («seita», «culto», «não conformismo», «dissidência», etc.). Um terceiro problema é aludido em parágrafos precedentes, nomeadamente, que é peculiarmente difícil pessoas adaptadas à cultura de uma determinada sociedade e educadas numa determinada tradição religiosa compreenderem o sistema de crença de outros, sentirem empatia pelas suas aspirações religiosas e reconhecerem a legitimidade dos seus meios de expressão. Ideias religiosas capsulam certos preconceitos culturais e cegam a visão. Mas, ao tentar interpretar um movimento como Scientology, é indispensável que esses obstáculos sejam reconhecidos e transcendidos. Isto não implica que para compreender um conjunto de ideias religiosas seja preciso aceitá-las como verdadeiras, mas deve ser estabelecida uma certa compreensão mútua se queremos tratar as convicções dessas outras fés com o devido respeito.

XI.II. O CASO ATÉ AGORA

A discussão acima é necessariamente abrangente e discursiva, envolvendo *en passant* comparações com outros movimentos religiosos, e uma revisão de literatura produzida por Scientologists e literatura sobre Scientology produzida por comentadores académicos. A história, doutrinas, práticas e organização religiosas e implicações morais de Scientology foram estudadas brevemente com especial atenção às facetas mais em debate nesta avaliação do estatuto religioso do movimento. Uma tal avaliação, na qual foram apresentadas muitas considerações pertinentes, satisfaz a alegação de que Scientology é uma religião. No entanto, visto que tentamos (parág. II.I acima) definir em termos de generalização abstrata as características e funções que são de divulgação ampla, e por isso de alta probabilidade, em sistemas religiosos, agora é apropriado usar este modelo deliberadamente como um ponto de referência para a alegação de que Scientology é uma religião. Há grandes divergências entre a terminologia usada em Scientology e nas especificações do modelo, mas isto pode, pelo menos

em certa medida, ser o caso de muitos, talvez de todos os movimentos religiosos. No entanto, admitindo a generalidade dos conceitos abstratos usados, deve ser possível perceber, sem dificuldades indevidas ou potencial para desacordo, até que ponto Scientology satisfaz o desiderato do inventário que produzimos.

XI.III. SCIENTOLOGY À LUZ DOS INDÍCIOS DE RELIGIÃO

Agora comparamos os atributos de Scientology com o inventário probabilístico das características e funções de religião estabelecidas em Parág. II.I acima. Anotamos os itens em que Scientology concorda, como Acordo ou Acordo Qualificado, aqueles em que não corresponde, como Não-Acordo, ou Não-Acordo Qualificado e outros casos como Indeterminados.

- (a) Os thetans são entidades que transcendem o sentido normal de percepção. De notar também que Scientology afirma a existência de um ser supremo. Acordo.
- (b) Scientology postula que os thetans criaram a ordem natural. Acordo.
- (c) Os thetans ocupam corpos humanos, o que significa intervenção contínua no mundo material. Acordo.
- (d) Os thetans operavam antes do curso da história humana, e diz-se que criaram o universo físico e ocupam corpos para o seu próprio prazer, identidade e para jogar um jogo. Isto é, no entanto, um propósito indefinido e o Ser Supremo em Scientology não é representado como tendo propósitos definidos. Acordo Qualificado.
- (e) A atividade dos thetans e a atividade dos seres humanos são idênticas. As vidas futuras do thetan serão profundamente afetadas na medida em que ele consiga liberação da mente reativa, além de ser profundamente afetado pelo mesmo processo na sua vida presente. Acordo.
- (f) A audição e o treino são meios pelos quais um indivíduo pode influenciar o seu destino, certamente nesta vida e nas vidas dos corpos que ele pode vir a ocupar mais tarde. Acordo.
- (g) Rituais como simbolismo no sentido tradicional de adoração (e.g., Missa Católica) são mínimos e rudimentares em Scientology, como entre os quakers, mas existem.

No entanto, adotando uma posição conservadora, podemos considerar este ponto como indeterminado.

- (h) Ação aplacadora (e.g., sacrifício ou penitência) está ausente de Scientology. O indivíduo procura sabedoria e esclarecimento espiritual. Não Acordo.
- (i) Expressões de devoção, gratidão, submissão e obediência a entidades sobrenaturais estão praticamente ausentes, exceto nos ritos de passagem prescritos em Scientology. Não Acordo.
- (j) Embora Scientology tenha uma língua distintiva que fornece um meio de reforço de valores internos do grupo, e as Escrituras ou ensinamentos de L. Ron Hubbard sejam considerados sagrados na conotação popular do termo, não se pode dizer que isto corresponda ao sentido técnico de sagrado, como «coisas separados e proibidas». Não Acordo.
- (k) Atuações para celebração ou penitência coletiva não são uma característica forte de Scientology, mas nos últimos anos o movimento desenvolveu algumas ocasiões comemorativas, incluindo a celebração do aniversário do nascimento de L. Ron Hubbard, a data da fundação da Associação Internacional de Scientologists, e a uma data que celebra os auditores pela sua dedicação. Acordo Qualificado.
- (l) Os Scientologists envolvem-se em relativamente poucos ritos coletivos, mas os ensinamentos do movimento fornecem uma mundividência total, e assim atraem realmente membros para um sentido de companheirismo e identidade comum. Acordo Qualificado.
- (m) Scientology não é uma religião altamente moralística, mas tem aumentado a preocupação com a correção moral à medida que as implicações totais das suas premissas metafísicas têm sido realizadas. Desde 1981, as expectativas morais dos Scientologists estão claramente articuladas: estas assemelham-se aos mandamentos do decálogo e tornam mais explícita a preocupação há muito defendida de reduzir os «atos overt» (atos nocivos). As doutrinas da mente reativa e da reencarnação abarcam orientações éticas semelhantes às do budismo. Acordo.
- (n) Scientology coloca forte ênfase na seriedade de propósito, compromisso sustentado e lealdade à organização e seus membros. Acordo.

- (o) Os ensinamentos de transmigração em Scientology satisfazem integralmente este critério. A mente reativa acumulativa corresponde a demérito para o thetan, e tal demérito pode ser reduzido por meio da aplicação de técnicas Scientológicas. Acordo.
- (p) Scientology tem funcionários que servem primariamente de «confessores» (auditores), e alguns deles também são capelães sendo as suas funções principalmente expositivas e pastorais. Os auditores, supervisores de curso e capelães (de facto, todos os membros de staff) procuram proteger de contaminação a teoria e a prática de Scientology, e neste sentido são guardiões. Acordo.
- (q) Os auditores, supervisores de curso e capelães são pagos. Acordo.
- (r) Scientology tem um corpo de doutrina metafísica que oferece uma explicação para o significado da vida e o seu propósito, e uma teoria elaborada de psicologia humana, bem como uma explicação da origem e do funcionamento do universo físico. Acordo.
- (s) A legitimidade de Scientology está numa forma de revelação por L. Ron Hubbard. As fontes do próprio Hubbard incluem menção da antiga sabedoria do Oriente, mas afirma-se serem quase exclusivamente os resultados de pesquisa. Esta mistura de recurso à tradição, carisma e ciência tem sido encontrada noutros movimentos religiosos modernos, manifestamente, a Ciência Cristã. Acordo Qualificado.
- (t) As afirmações de veracidade de algumas doutrinas de Scientology estão além de teste empírico, mas diz-se que a eficácia da audição é suscetível de ser provada pragmaticamente. No entanto, os objetivos de Scientology dependem de fé nos aspetos metafísicos da doutrina, mesmo que se afirme que os meios são suscetíveis de teste empírico. Acordo Qualificado.

XI.IV. A COMPARAÇÃO REVISTA

A avaliação precedente de Scientology à luz do inventário probabilístico de religião resulta em onze itens em que há acordo, cinco itens em que há acordo qualificado, três itens sobre os quais não há acordo; e um item que é indeterminado. Não se pode assumir que estas várias características e funções da religião têm, naturalmente, igual peso, e que a contagem numérica não deve produzir uma base indevidamente mecanicista para avaliação. Alguns itens — por

exemplo, a existência de um corpo pago de especialistas — embora comum às religiões, não se limitam a religiões, e podem portanto ser considerados de menos importância do que alguns outros itens. De forma semelhante, o elemento aplacador que é comum em religião pode ser considerado uma mera característica residual de padrões anteriores de dependência quase mágica da qual organizações religiosas instituídas mais recentemente podem ter-se libertado. Enquanto a maioria das religiões tradicionais satisfariam a maior parte destas probabilidades, muitas denominações bem identificadas não concordariam com algumas delas. Notamos isto nos quakers com respeito à adoração e na ciência cristã com respeito a legitimação. Os unitários não satisfariam num número de itens — adoração, sacralização, conceitos tradicionais de pecado e virtude, e talvez na significância do ensino da metafísica. Nem os cristadelfianos nem os quakers satisfariam os critérios relacionados com especialistas religiosos ou a sua paga.

XI.V. OS SCIENTOLOGISTS PERCECIONAM AS SUAS CRENÇAS COMO UMA RELIGIÃO

Não se deve permitir que o uso do inventário acima crie uma impressão de que as conclusões apresentadas nesta opinião recorrem apenas a raciocínio formal ou abstrato. O inventário é uma base contra a qual se avalia a evidência empírica — isto é: comportamento observado. Muitos Scientologists têm um forte sentido do seu próprio compromisso religioso. Eles percecionam as suas crenças e práticas de Scientology como uma religião, e muitos trazem-lhes níveis de compromisso superiores aos que normalmente se encontram entre crentes nas igrejas tradicionais. A este respeito, muitos Scientologists comportam-se como membros de seitas cristãs, que geralmente são mais intensamente empenhadas na sua religião do que a vasta maioria dos crentes nas velhas igrejas e denominações estabelecidas. Como um sociólogo, vejo Scientology como um sistema de crença e prática religiosa genuíno que desperta nos seus devotos compromisso profundo e sincero.

XI.VI. MUDANÇA CONTEMPORÂNEA EM RELIGIÃO *TOUT COURT*

Temos notado que todas as religiões têm passado por um processo de evolução: elas mudam ao longo do tempo. Também acontece que a religião *per se* experimenta mudança. Como um produto social, a religião assume muito da cor e carácter da sociedade em que funciona, e movimentos mais recentes revelam características que não se encontravam em movimentos mais antigos (pelo menos na altura da sua origem). Hoje em dia, novos desenvolvimentos em religião tornam evidente que há muito menos interesse por uma realidade objetiva «lá fora», e mais interesse na experiência subjetiva e bem-estar psicológico, menos preocupação,

consequentemente, com formas tradicionais de adoração e mais com a aquisição de segurança (que em si é um tipo de salvação) vinda de outras fontes do que o suposto conforto proporcionado por um deus salvador remoto. Devemos, portanto, esperar que esta ênfase seja aparente no inventário que usamos como um modelo. O modelo reflete muita coisa que continua a existir em religião mas que provém de prática antiga. As religiões mais recentes — mesmo religiões tão antigas como as maiores denominações protestantes — não encontrarão acordo com todos estes elementos: elas refletem as características do estágio evolucionário em que surgiram. Temos, portanto, de permitir que os movimentos modernos não estejam de acordo com todos os itens do nosso modelo (relativamente intemporal). Tomando tudo isto em conta, é claro para mim que Scientology é uma religião legítima e deve ser considerada como tal.

BRYAN RONALD WILSON

fevereiro de 1995

BRYAN RONALD WILSON

Bryan Ronald Wilson é o Leitor Emérito em Sociologia, na Universidade de Oxford. De 1963 a 1993, foi também Membro do All Souls College e em 1993 foi eleito Membro Emérito.

Durante mais de quarenta anos conduziu pesquisa em movimentos religiosos minoritários em Inglaterra e no exterior (nos Estados Unidos, Gana, Quênia, Bélgica e Japão, entre outros locais). O seu trabalho envolveu a leitura das publicações destes movimentos e, sempre que possível, associar-se com os seus membros em suas reuniões, serviços e lares. Além disso implica atenção constante às obras de outros eruditos e respetiva avaliação crítica.

Ele mantém os títulos académicos de B.Sc. (Econ) e Ph.D. da Universidade de Londres e o Mestrado da Universidade de Oxford. Em 1984, a Universidade de Oxford reconheceu o valor da sua obra publicada conferindo-lhe o diploma de D. Litt. Em 1992, na Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, conferiu-lhe o grau de Doutor Honoris Causa. Em 1994, ele foi eleito Membro da Academia Britânica.

Em várias ocasiões ele exerceu as seguintes nomeações:

Membro de Fundos para a Comunidade (Fundação Harkness) na Universidade da Califórnia em Berkeley, Estados Unidos, 1957-8

Professor Visitante, Universidade do Gana, 1964

Membro do Conselho Americano de Sociedades Eruditas, na Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos, 1966-7;

Consultor de Pesquisa para a Sociologia da Religião, para a Universidade de Pádua, em Itália, 1968-72

Membro Convidado da The Japan Society (A Sociedade do Japão), 1975

Professor Convidado, Universidade Católica de Lovaina, Bélgica 1976, 1982, 1986, 1993

Professor Snider Convidado, Universidade de Toronto, Canadá, 1978

Professor Convidado de Sociologia da Religião, e Consultor de Estudos Religiosos para a Universidade de Mahidol

Universidade de Bangucoque, Tailândia, 1980-1

Membro Convidado Escocês, Ormond College, University of Melbourne, Austrália, 1981

Professor Convidado, University of Queensland, Austrália, 1986

Ilustre Professor Convidado, University of California, Santa Barbara, Califórnia, EUA, 1987

Durante os anos de 1971-5, foi Presidente da Conférence Internationale de Sociologie Religieuse (a organização mundial para a disciplina), em 1991 foi eleito Presidente Honorário desta organização agora renomeada como Société Internationale de Sociologie des Religions.

Membro do Conselho of the Society for the Scientific Study of Religion (U.S.A.) 1977-9

Durante vários anos, European Associate Editor, *Journal for the Scientific Study of Religion*.

Durante seis anos, Joint Editor of the *Annual Review of the Social Sciences of Religion*.

Palestrou sobre movimentos religiosos minoritários extensivamente em Inglaterra, Austrália, Bélgica, Canadá, Japão e Estados Unidos, e ocasionalmente na Alemanha, Finlândia, França, Holanda, Noruega e Suécia.

Tem sido convocado na qualidade de testemunha perita em seitas por tribunais de Inglaterra, Países Baixos, Nova Zelândia e África do Sul e forneceu evidência em depoimentos juramentados para tribunais da Austrália e da França. Também chamado para dar evidência perita por escrito sobre movimentos religiosos para a Comité Parlamentar de Assuntos Internos da Câmara dos Comuns.

